

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO – JORNALISMO

**MACHADO DE ASSIS E O PARASITA SOCIAL:
O retrato da época nas crônicas do jornal O Espelho**

Gabriela Lontra de Lima

Porto Alegre, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO – JORNALISMO

**MACHADO DE ASSIS E O PARASITA SOCIAL:
O retrato da época nas crônicas do jornal O Espelho**

Gabriela Lontra de Lima

Orientadora: Marcia Benetti

Porto Alegre, 2010

Para minha mãe,
Luiza Helena Lontra

“O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização.”

Machado de Assis

“A história da nossa civilização há de guardar, com orgulho, esse formoso legado, esses livros em que o ceticismo vive de par com a piedade, em que a misericórdia pela miséria humana tempera o amargor da ironia, em que a descrença é adoçada pela bondade e em que as idéias, meigas e duras, de tolerância ou de revolta, sempre se vestem de uma forma pura e nobre, simples e majestosa, aliando a força à graça, a energia ao bom gosto.”

Olavo Bilac

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, que sempre esteve do meu lado, que sempre leu meus textos, corrigiu meus erros, exaltou meus acertos. Agradeço por sempre ter acreditado, torcido e feito tudo acontecer da melhor maneira possível.

Agradeço, também, às minhas avós, Faride e Juracy, que sempre rezaram pelo meu êxito, que sempre acompanharam minhas conquistas.

Agradeço à minha família toda, por sempre vibrar com as pequenas e grandes alegrias do meu caminho.

Agradeço ao meu namorado, Eduardo, por ser meu melhor amigo, meu companheiro e meu amor. Agradeço por, mesmo rindo do Jornalismo, acreditar nos meus passos rumo a uma boa carreira profissional.

Agradeço, e muito, aos meus colegas, que tornaram a Fabico um lugar agradável e rico. Sem eles, esses quatro anos de graduação não seriam os mesmos. Agradeço pela troca de experiências, pelas brilhantes discussões, pelos vários pontos de vista, pelas conversas bobas, pelas festas, pelo ânimo de acordar cedo e ir até a faculdade para encontrá-los.

Agradeço aos meus amigos, que sempre me fizeram acreditar no meu potencial, que sempre estiveram do meu lado durante toda essa caminhada.

Agradeço aos Cerutti e aos Mattei, que entraram na minha vida com muita naturalidade e que se tornaram também grandes incentivadores.

Agradeço, ainda, aos professores com quem eu tive aula nesses oito semestres de Jornalismo. Um agradecimento especial a Marcia, que me ajudou a realizar este trabalho.

Espero tê-los ao meu lado para os próximos passos que darei daqui pra frente. Mas, antes disso, espero estar ao lado de vocês e poder sentir que contribuí para que momentos bons - como este que estou vivendo - se tornem realidade na vida de todos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 O MUNDO DE MACHADO DE ASSIS	09
2.1 A VIDA DO ESCRITOR	09
2.2 O RIO DE JANEIRO DA ÉPOCA	21
3 A IMPRENSA DO SÉCULO XIX	29
3.1 OS PRIMEIROS ANOS DA IMPRENSA BRASILEIRA	29
3.2 JORNAL O ESPELHO	38
4 OS TIPOS PARASITÁRIOS NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS	41
4.1 DEFININDO A CRÔNICA	41
4.2 MÉTODO: ANÁLISE DE DISCURSO	42
4.3 TIPOS DE PARASITAS SOCIAIS	44
4.3.1 Parasita da Mesa	44
4.3.2 Parasita da Literatura	46
4.3.3 Parasita da Igreja	50
4.3.4 Parasita da Política	52
5 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXO A – O Parasita	61
ANEXO B – O Parasita – Continuação	64
ANEXO C – O Empregado Público Aposentado	71
ANEXO D – O Folhetinista	75

1. Introdução

Machado de Assis me conquistou com seus contos. O primeiro romance lido, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi arrebatador. Depois de totalmente conquistada por esse autor, segui em frente e devorei os outros oito romances que compõem sua obra. Muitas vezes não eram propriamente as histórias que me fascinavam, mas a maneira como ele me mantinha presa ao livro, querendo desesperadamente ler o próximo capítulo. Deliciava-me com seu vocabulário, com o domínio da língua, com as belas frases de amor que emprestava aos seus personagens.

Durante minha estada em Campinas, para cursar um semestre de Jornalismo na Unicamp, passei por uma feira da editora da universidade e bati os olhos em livros que compilavam textos escritos por Machado de Assis para jornais de sua época. Comprei *O Espelho*. Mas a escolha do tema desta monografia não foi simples nem rápida. Várias ideias passavam pela minha cabeça sem que eu pudesse decidir com segurança o assunto que me interessaria analisar. Até que lembrei daquele livro na estante e me dei conta de que nenhuma pesquisa me daria mais prazer.

Quem já leu ao menos uma de suas obras sabe da intensidade de seus personagens, já que Machado foca o interior em detrimento do exterior. O autor tem, ainda, uma visão social incrivelmente ampla, fazendo uma contextualização histórica e cultural que serve não somente para o entendimento do enredo que se desenvolve, mas para a compreensão da trajetória de nosso país e de nossa sociedade.

Nas crônicas escolhidas, Machado de Assis consegue realizar o mesmo trabalho, buscando a compreensão de tipos sociais comuns e desenhando-os conforme o contexto no qual estão inseridos. Do jornal *O Espelho*, de 1859, escolhi “O Parasita”, “O Parasita-Continuação”, “O Empregado Público Aposentado” e “O Folhetinista”, escritas no intervalo de 18 de setembro e 30 de outubro.

Para estruturar minha análise, precisava responder algumas perguntas: qual é a tipologia de parasita social?; como é a sociedade na qual estão inseridos os parasitas?; Machado de Assis também faz parte dessa formação social? Meu objetivo geral neste trabalho, portanto, foi apreender os sentidos que Machado de Assis dá aos parasitas sociais do Rio de Janeiro do século XIX. Como objetivos específicos, estão a reconstrução da história de vida do autor e da imprensa de sua época a fim de, desse modo, compreender o contexto e trabalhar com a identificação dos tipos de parasitas sociais.

Na realização dessa pesquisa, utilizei a análise de discurso e a análise bibliográfica. Recorri, inclusive, a obras de Machado de Assis, que demonstram suas visões de mundo, seus métodos de trabalho e desenham os hábitos sociais presentes no Rio de Janeiro do século XIX.

O primeiro capítulo, *O mundo de Machado de Assis*, retoma a biografia desse escritor, buscando mostrar como a sua trajetória pessoal construiu esse grande homem das letras. Ainda traz um pouco da vida, dos hábitos da sociedade do Rio de Janeiro, corte de época, durante os anos de vida do escritor (1839 – 1908). O segundo capítulo, *A imprensa do século XIX*, faz uma pequena retomada dos primeiros anos da imprensa brasileira, destacando seus principais autores e sua evolução. Ao fim do capítulo, a história do jornal O Espelho, de onde foram retiradas as crônicas analisadas. No terceiro capítulo, *Tipos parasitários de Machado de Assis*, se desenvolve a análise deste trabalho de conclusão de curso.

2. O mundo de Machado de Assis

2.1 A vida do escritor

Filho de Francisco Jozé de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Seus pais – ele, mulato, e ela, portuguesa – eram filhos de escravos. Livres, eram agregados à Chácara do Livramento, de Dona Maria José de Mendonça Barroso, madrinha de batismo do pequeno Joaquim. O menino passou a infância entre o grande sobrado da madrinha e a casa humilde dos pais. Segundo Lima e Silva (2007, p. 275), foi desse contraste que nasceu, “em sua índole, a inclinação e o gosto pela fidalguia, presente em sua obra, e o desprezo à pobreza, de que sempre tentará afastar-se, a ponto de procurar esconder suas origens, pela vida afora. Através dos ambientes e tipos que descreverá, será quase uma obsessão manter tal disfarce”.

Dois anos depois de seu nascimento, Machado ganhou uma irmã, que não viveu mais de quatro anos: o sarampo a matou em 1845. No mesmo ano, viu sua madrinha e protetora morrer. A tuberculose de 1849 levou embora sua mãe. E Machado, frágil e epilético, resistia a tudo. Resistiu, ainda, à febre amarela de 1851 e à cólera de 1853.

No ano seguinte, em 1854, seu pai casou-se novamente, com Maria Inês, que lhe deu os primeiros ensinamentos e juntou esforços para que ele fosse à escola pública. Machado se revelou um ótimo aluno, como ele mesmo descreveu:

Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola. Mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos. (MACHADO DE ASSIS apud LIMA; SILVA, 2007, p. 276)

Com a morte do pai, foi ajudar a madrasta a vender seus doces em um colégio particular, onde passou a ter contato com uma classe mais alta da sociedade. Entre esses contatos, estava madame Gallot, proprietária de uma padaria. Um de seus padeiros foi quem ensinou ao pequeno Joaquim as primeiras lições de francês e de latim.

Por esses tempos, foi ser caixeiro da loja de livros da Sociedade Petalógica¹ e passou a frequentar a casa, onde se encontravam nomes como Joaquim Manuel de Macedo, José Bonifácio e Manuel Antônio de Almeida. Paula Brito, comandante da Petalógica, já publicava o periódico *Marmota Fluminense*, que era conhecido por divulgar as primeiras palavras de aspirantes a escritor. Machado não perdeu tempo e, em 12 de janeiro de 1855, via versos seus – o poema Ela – na terceira página do jornal. Suas poesias eram simples, mas marcaram o *Marmota* por mais três anos.

Nessa mesma época, trabalhou como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional. Só que o chefe da oficina reclamava do seu trabalho, já que Machado preferia dedicar-se à leitura no horário de serviço. O diretor da Imprensa, Manuel Antônio de Almeida, teve de chamá-lo para uma conversa e acabou se afeiçoando ao rapaz – de onde nasceu uma grande amizade.

Machado teve sorte de encontrar em sua vida pessoas como Paula Brito e Manuel Antônio, que lhe ajudaram no início de sua carreira. Outra figura que merece destaque é o Padre Silveira Sarmiento, que também surge na época de sua mocidade e que lhe dá aulas de assuntos gerais.

Muitos jovens naqueles meados do século XIX estavam também lutando por seu espaço no mundo das letras. Cinco deles se uniram e formaram o Grupo dos Cinco – com o baiano Caetano Filgueiras, o português Francisco Gonçalves Braga, o fluminense Casimiro de Abreu, o gaúcho Macedo Júnior e o carioca Machado de Assis.

¹ A Petalógica era a sociedade da elite cultural da época. Reunia-se na editora do jornalista Francisco de Paula Brito, localizada no antigo largo do Rocio, então Praça da Constituição.

A estreia de Machado como autor se deu com o *Pipelet*, uma ópera em três atos, com música de Ferrari e com a sua poesia. Foi apresentada na Ópera Nacional, em 1859, e era composta sobre os episódios dos Mistérios de Paris², de Eugène Sue.

Mas já a morte andava muito afastada da vida de Machado. Era a vez de atingir o Grupo dos Cinco. Como diz Costa (2001, p. 77):

não podia durar muito tempo um grupo de jovens poetas como aquele. As forças da natureza não permitem que se juntem assim, e impunemente, grandes talentos.

Caetano Filgueiras foi o primeiro. A tuberculose levou o segundo, Macedinho, com apenas dezesseis anos, em 22 de fevereiro de 1860. Um mês depois, levava também Francisco Braga. Em outubro do mesmo ano, a tuberculose fez mais uma vítima: Casimiro de Abreu. Restava apenas um, o frágil Machado de Assis.

Após essa fase triste, Machado dedicou-se ao teatro e publicou sua primeira peça, *Desencantos* – já havia traduzido a peça *Queda que as Mulheres Têm Para os Tolos*, de Victor Hénau. Publicou também nessa época *O Caminho da Porta*, *Gabriela* e *O Protocolo*. Algumas críticas muito duras foram feitas ao seu trabalho e Machado começou a perceber que talvez seu talento não fosse mesmo para o teatro.

Mas a fase ainda não era boa para o autor: mais mortes se aproximavam. Em 1860, Ribeyrolles³; em 1861, Manuel Antônio de Almeida e Paula Brito. Machado escreveu quando do falecimento deste último, da Sociedade Petalógica:

Mais um! Este ano há de ser contado como um obituário ilustre, onde todos, o amigo e o cidadão, podem ver inscritos mais de um nome caro ao coração e ao espírito.

² O romance *Os Mistérios de Paris* foi publicado entre 1842 e 1843 no *Journal des Débats*. O livro reflete o socialismo e é escrito em colaboração com os leitores.

³ Charles Ribeyrolles foi um jornalista e político francês, que veio morar no Brasil após ser exilado por Napoleão III. Escreveu o livro *Brasil Pitoresco*.

A partir de 1863, seu caminho como escritor tomava um atalho que seria um dos mais importantes trajetos para chegar ao brilhantismo de sua carreira como escritor: os contos. O *Jornal das Famílias* começou a circular e os contos românticos de Machado de Assis passaram a ser estampados em suas páginas. Dois marcos de suas obras se fizeram notar já a partir daí: o uso de pseudônimos e a conversa com as leitoras.

Já estava com 26 anos e nenhum amor lhe enchia o peito de inspiração. Para Lima e Silva (2007, p. 279), “mulato, de pequena estatura, gago e tímido, não seria Machado um tipo irresistível”. E o primeiro amor foi efêmero. À Corina escreveu:

Depois, vestindo a forma peregrina,
Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!
Guarda estes versos que escrevi chorando
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.
(MACHADO DE ASSIS apud COSTA, 2001, p. 87)

No mesmo ano, a editora de Hipólito Garnier lançava a primeira coletânea de versos de Machado de Assis, *Crisálidas*. E era também em 1864 que morria, em um naufrágio, um grande ídolo e amigo, Gonçalves Dias, o homem considerado por Machado o maior poeta do Brasil (COSTA; 2001, p. 89), o maranhense de *Canção do Exílio*⁴.

No ano seguinte, os intelectuais do Rio de Janeiro reuniram-se para formar a Arcádia Fluminense, um sarau prestigiado por centenas de pessoas a cada encontro, e que Machado ajudou a fundar. Com tão ilustres membros, nem mesmo o imperador Dom Pedro II deixou de comparecer. Foram apenas três meses de existência, mas a Arcádia Fluminense encheu de bons versos os ouvidos de senhores e de senhoras.

⁴ *Canção do Exílio* é um poema de Gonçalves Dias, escrito em julho de 1843, em Coimbra. Pertence à primeira fase do Romantismo brasileiro.

Fluente em inglês e francês, Machado revezava suas participações na Arcádia e no *Diário de São Paulo* com uma nova atividade, a de tradutor. Começou a traduzir a pedido do amigo e ator Furtado Coelho, lhe dando como primeira peça *Suplício de Uma Mulher*⁵, de Girardin e Alexandre Dumas. Em seguida, vieram *Anjo da Meia-Noite*⁶ e *Barbeiro de Sevilha*⁷, grande sucesso de público e de crítica. Os elogios fizeram Machado dar um passo além nas suas traduções, ao passar para o português a obra *Trabalhadores do Mar*⁸, de Victor Hugo.

Já era o ano de 1865 e os liberais conseguiram formar um novo governo, tendo seus líderes assumido postos políticos em todo o país. Entre esses líderes, importantes nomes do jornalismo da época, como Saldanha Marinho, Henrique César Múzzio e Quintino Bocaiúva. O *Diário do Rio* perdia seus chefes, que passaram a instruir Machado por cartas – que chegavam com dias de atraso. Machado foi seguindo as ordens e levando o jornal praticamente sozinho. E foi no *Diário* que ele começou a publicar, em 1867, uma nova seção intitulada Cartas Fluminenses.

Além da excessiva quantidade de trabalho, Machado estava insatisfeito com o seu salário no jornal e pensava em conseguir um emprego mais estável. Havia sido apresentado por Quintino, antes da partida deste, ao ministro da Marinha, Afonso Celso. Logo que tomou a decisão de mudar de vida, foi procurá-lo e soube de algumas vagas que estavam disponíveis. Mesmo mostrando interesse pelo cargo de 1º oficial na Secretaria da Agricultura, não foi nomeado. Sua nomeação saiu no dia 8 de abril de 1867, para o modesto cargo de ajudante do diretor do *Diário Oficial*.

Chegava de Olinda, nessa época, um jovem poeta chamado Castro Alves. José de Alencar, já conhecendo a qualidade de suas obras iniciais,

⁵ Drama em três atos, traduzido por Machado de Assis em 1866.

⁶ Drama lírico de Théodore Barrière e Edouard Plouvier.

⁷ Escrita pelo francês Pierre-Augustin Beaumarchais, foi transformada em ópera por Gioacchino Rossini.

⁸ Obra que retrata os três elementos que permeiam a vida: sociedade, natureza e religião.

pediu que Machado fosse “o Virgílio do jovem Dante”⁹. Seu prestígio foi notado também quando, aos 29 anos, se tornou “Cavaleiro da Ordem da Rosa”, por meio de um decreto imperial.

Sua vida estava mudando não só pelo novo trabalho, mas pela chegada no porto do Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1868, do navio francês Estremadure. A bordo estava um amigo seu, o pianista Artur Napoleão, acompanhado por uma amiga e vizinha, Carolina, irmã do poeta Faustino Xavier de Novais. Carolina era quatro anos mais velha que Machado, nascida na cidade portuguesa de Porto e criada em meio à elite intelectual europeia.

O amor entre eles começava a se delinear. Apesar de Carolina ter ido a Petrópolis cuidar do irmão doente, há registros de cartas trocadas entre os dois enamorados já em fevereiro de 1869. O novo amor tinha ciúme do velho, e, sobre Corina, Machado explicou: “Diz a Staël¹⁰ que os primeiros amores não são os mais fortes porque nascem simplesmente da necessidade de amar. Assim é comigo”.

Com a morte de Faustino, vítima de uma encefalite, em agosto, Carolina aproximou-se do amado, assim como fizeram seus outros irmãos, Miguel e Adelaide. Decidiram casar e ficaram noivos. Machado precisava, nesse momento de sua vida, de dinheiro, mais do que nunca. Como não bastava apenas a pequena estabilidade financeira de seu trabalho no *Diário Oficial*, começou a produzir textos que a Garnier novamente se dispôs a editar. Em maio de 1870, saíram *Contos Fluminenses* e *Falenas*. Em setembro do mesmo ano, mais três contratos: *O Manuscrito do Licenciado Gaspar*¹¹, *Ressurreição* e *Histórias da Meia-Noite*.

Com o dinheiro do contrato desses livros, conseguiu sua casa e enfim pôde casar com Carolina – o que ocorreu em 12 de novembro de 1869.

⁹ Em *A Divina Comédia*, Dante Alighieri descreve sua viagem pelo inferno, pelo purgatório e pelo paraíso, sendo guiado, nos dois primeiros, pelo poeta romano clássico Virgílio.

¹⁰ Anne Louise Staël foi uma escritora francesa famosa por seu salão literário, que reunia a elite intelectual parisiense.

¹¹ O livro não chegou a ser escrito.

Entretanto, o dinheiro ainda era uma dificuldade. O lançamento dos livros não foi sucesso de crítica, pois todos esperavam textos de um brilhante escritor, mas Machado ainda não mostrava esse amadurecimento.

Só no final de 1873, no dia 31 de dezembro, Machado se tornou funcionário público e teve a tão sonhada garantia financeira e estabilidade profissional. Foi escolhido para ser o 1º oficial da Secretaria da Agricultura, que acabara de passar por uma reforma. Mantinha sua atividade no *Diário Oficial* e conseguia mostrar-se excelente funcionário mesmo com uma agenda atribulada. Seu mérito foi reconhecido em 7 de dezembro de 1876, quando a princesa Isabel assinou sua efetivação como chefe da seção na Secretaria. Com o novo cargo, pôde dedicar-se mais à literatura e lançou, em 1874, *A Mão e a Luva*, em 1875, *Americanas*, e em 1876, *Helena*.

Em 1877, mais uma grande perda: a morte de José de Alencar. Segundo Costa (2001, p. 121), “era um golpe duro para Machado. Alencar fora para ele o chefe dos chefes, um querido amigo, um estímulo constante”.

O amadurecimento começava a vir com *Iaiá Garcia*, de 1878, e com uma excelente crítica a *Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Mas, no mesmo ano, problemas de saúde o fizeram frear o ritmo e ir se abrigar em Friburgo em busca de recuperação. Uma inflamação da retina e uma ameaça de tísica mesentérica¹² (que se mostraria, em verdade, uma afecção intestinal) só o deixaram em março do ano seguinte. Durante o tempo em que esteve doente, seus olhos fracos não podiam ler e foi Carolina quem o ajudou com as letras. Começara – ditando para a amada – um dos marcos de sua carreira como escritor, *As Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O livro foi editado pela Garnier em 1881, mas não recebeu apenas críticas boas, como esperava Machado. O escritor tinha consciência de seu amadurecimento e da qualidade de sua obra. Só ficou menos aborrecido quando leu os elogios de amigos, como os de seu cunhado Miguel: “Que

¹² Tísica é outro nome usado para designar a tuberculose. O mesentério é uma membrana do peritônio localizada posteriormente aos órgãos digestórios.

importa que a maioria do público lhe não compreendesse ao seu último livro? [...] Não pense nem se ocupe da opinião pública quando escrever. A justiça mais tarde ou mais cedo se lhe fará, esteja certo disso” (COSTA, 2001, p. 129). Antes, por ocasião dos trezentos anos da morte do poeta Luis de Camões, em 1880, Machado escreveu *Tu só, tu, puro amor*.

Seu emprego como funcionário público sofria mais alterações. Machado foi chamado para ser oficial do gabinete do ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Suas funções iam se acumulando e o ritmo de trabalho já estava excedendo o seu limite. Em janeiro de 1882 teve de ir para Petrópolis tentar recuperar sua saúde. O recesso lhe fez bem, porque em outubro tinha mais um livro: *Papéis Avulsos*. Nele estava contido o maior e melhor conto de sua carreira, *O Alienista*¹³. Dois anos depois, mais um livro de contos, *Histórias sem Data*, que continha dois clássicos machadianos: *Noite de Almirante*¹⁴ e *Cantiga de Esponsais*¹⁵. A partir de 1887, a revista *A Estação* publicava um novo romance, intitulado *Quincas Borba*¹⁶.

O ano de 1888 foi muito importante para o mulato Machado de Assis, filho de escravos libertos. Foi o ano da Abolição da Escravatura. A alegria continuava em 1889, quando foi promovido a diretor do Comércio. A consagração lhe rendeu uma homenagem oficial: foi agraciado com a Ordem da Rosa, por serviços prestados às Letras. Em 7 de junho, subia ao poder um Ministério Liberal e com ele amigos seus. Machado era agora, mais do que nunca, um homem de confiança. Cinco meses depois, em 15 de novembro, era proclamada a República, e entravam no poder Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho.

Machado já havia participado de diversas agremiações literárias, como a Associação dos Homens de Letras do Brasil (1883) e do Grêmio de Letras e

¹³ Sinopse da Editora L&PM: “Conta a história do eminente doutor Simão Bacamarte. Dedicado estudioso da mente humana, o médico decide construir a ‘Casa Verde’ – um hospício para tratar os doentes mentais na pequena cidade de Itaguaí”.

¹⁴ O marinheiro Deolindo regressa de uma viagem e encontra sua Genoveva indiferente ao seu amor.

¹⁵ História de Mestre Romão, que não consegue compor no papel a melodia que tem na cabeça há anos.

¹⁶ *Quincas Borba* só seria publicado na íntegra em 1891, pela Garnier.

Artes (1887), mas só em 1896 entrava na página de sua vida a Academia Brasileira de Letras. Segundo Moisés (1960, p. 15), “o momento parecia indicado para uma empresa de tal envergadura, quer pelo prestígio de que desfrutava, quer pelo calibre já então alcançado pelo movimento literário no Rio de Janeiro”. Ideia de Lúcio Mendonça, a Academia foi criada no dia 12 de dezembro na sala da Revista Brasileira. Machado de Assis foi eleito presidente por unanimidade no dia 7 de janeiro do seguinte ano. Entre os trinta fundadores, nomes como Artur Azevedo, Graça Aranha, José do Patrocínio, Olavo Bilac, Rui Barbosa e Visconde de Taunay. Os fundadores escolheram mais dez membros da Academia, onde figuraram nomes como o de Aluísio Azevedo. Quando da inauguração oficial da Academia, escreveu:

Vindo à Academia, fez-se ontem a inauguração, no Pedagogium, e correu bem. Nem todos os membros aqui residentes compareceram à sessão, e grande parte, como sabe, reside no estrangeiro. A sessão inaugural constou de quatro palavras minhas abrindo a sessão, do relatório dos trabalhos preliminares, redigido pelo Rodrigo Otávio, e de um discurso de Joaquim Nabuco. Ambos houveram-se como era de esperar dos seus talentos. No discurso de Joaquim Nabuco há muitas ideias; posso divergir de um ou outro conceito, mas a peça literária é primorosa. A sessão durou pouco mais de uma hora. Agora vamos ter as sessões ordinárias. (MACHADO DE ASSIS apud COSTA, 2001, p. 164)

Uma publicação do *Diário Oficial* trouxe mais um capítulo de tristeza à vida de Machado: no dia 3 de janeiro de 1898, foi publicado que o antigo funcionário fora afastado, pois sua pasta havia sofrido alterações e, segundo o governo, era necessário que se colocasse em seu lugar alguém com conhecimentos técnicos. Machado receberia sem trabalhar, mas não trabalhar era para ele um martírio. O sofrimento veio com a notícia e, com ele, as fortes crises de epilepsia. O alívio veio antes do que se esperava, pois em novembro foi convocado para servir ao gabinete do ministro da Viação. A felicidade, no entanto, não voltava de todo. Saldanha Marinho e Luís Guimarães Júnior morreram no mesmo ano. Em 1899, Visconde de Taunay; e, em 1900, Eça de Queirós e Ferreira de Araújo.

Seus olhos e seu corpo todo já estavam cansados pelo tempo de trabalho e pela idade, mas ainda conseguia escrever. E o livro mais conhecido

de sua obra, *Dom Casmurro*, saía em janeiro de 1899, juntamente com *Páginas Recolhidas*, mais um livro de contos inéditos.

Não eram só as forças de Machado que se iam; também as de Carolina. Com a doença dela, em 1904, decidiram ir a Friburgo descansar e voltaram ao Rio depois de estarem ambos restabelecidos. Em julho, Carolina voltou a se sentir mal e o médico da família detectou um tumor no intestino. Buscaram tratamento com vários médicos, com vários remédios e com homeopatia, mas nada funcionou e, em outubro do mesmo ano, Carolina faleceu. À amada, escreveu um poema que leva o seu nome:

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetejada
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu, se tenho nos olhos malferidos,
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.
(MACHADO DE ASSIS apud COSTA, 2001, p. 178)

Como prometido no poema, criou o hábito de ir todos os domingos ao cemitério levar flores ao túmulo. Segundo Lima e Silva (2007, p. 295), “as pessoas que o vêem por essa fase referem-se ao seu andar trôpego, à sua fisionomia taciturna. É um homem acabado”. Escreve seu testamento dois anos depois, deixando seus bens a uma sobrinha de Carolina.

Em setembro, a Garnier havia lançado mais um livro de Machado, *Esaú e Jacó*. No entanto, todos os elogios que recebeu de amigos só foram agradecidos em dezembro, quando começava a passar o choque da perda de sua amada. Também as crises de epilepsia haviam ficado muito intensas e frequentes depois da morte de Carolina. Apenas um pensamento lhe acalmou a mente e a alma: “Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei tempo

em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará” (MACHADO apud FARIA, M. 1998, p. 7).

Seu prestígio era já a essa altura internacional, tendo obras suas traduzidas para o alemão, o espanhol e o francês. Em 1904, foi eleito membro correspondente da Real Academia das Ciências de Lisboa. O estudo da língua estrangeira voltava a distrai-lo (havia estudado alemão em 1883): começa o estudo do grego clássico.

A dor da perda de Carolina fez Machado aceitar a morte que estava se aproximando e querer recordar as coisas boas que tinha vivido até ali. Desse momento de reflexões nasceram dois livros: *Relíquias da Casa Velha* (1906) – que continha o poema “À Carolina” – e *Memorial de Aires* (1908).

Em *Memorial de Aires*, fica implícita a representação de Carolina na personagem Dona Carmo¹⁷. O casamento da senhora com o desembargador Aguiar era perfeito, cheio de amor e admiração, tal qual o casamento de Machado de Assis. Apenas um ressentimento ficava na vida, como fica claro em um trecho do diário do Conselheiro Aires, amigo do casal:

O que eu fiz então foi perguntar ao desembargador se tais criaturas tiveram algum ressentimento da vida. Respondeu-me que um, um só e grande; não tiveram filhos. Ambos queriam um filho, um só que fosse, ela ainda mais do que ele. D. Carmo possuía todas as espécies de ternura, a conjugal, a filial, a maternal.

Talvez mesmo por isso Machado tenha feito tantos de seus personagens homens sem filhos. É o caso de Brás Cubas, Quincas Borba, Bento Santiago, o conselheiro Aires e os gêmeos Pedro e Paulo.

No começo de junho de 1908, o estado de saúde de Machado piorou. De licença no Ministério, tentava se recuperar de uma úlcera cancerosa na

¹⁷ Segundo alguns estudiosos de Machado de Assis, a personagem Dona Carmo seria o reflexo de Carolina, assim como seu marido, o desembargador Aguiar, seria reflexo do próprio Machado de Assis.

língua (causada por uma grave infecção intestinal), que o impossibilitava de se alimentar direito. Seu amigo José Veríssimo escreveu comovido:

A morte é uma coisa natural, necessária e até boa, mas, em muitos milhares de anos, inda o homem se não acomodou a ela, e quando à sua detestável ideia juntamos a de um ente querido, não podemos livrar-nos de uma impressão de horror, e de revolta, qual eu a senti agora. (JOSÉ VERÍSSIMO apud COSTA, 2001, p. 189)

Sem forças para subir escadas, Machado teve de ficar em um quarto improvisado próximo à sua sala de jantar, no andar térreo – seus amigos iam lá visitá-lo. Só Mário de Alencar, filho de José de Alencar, não ia, pois não tinha forças para ver o sofrimento daquele que considerou seu segundo pai. Mas o sofrimento não durou muito; e, às 3h20 do dia 29 de setembro, Joaquim Maria Machado de Assis deixava o seu Rio de Janeiro, os seus amigos e os seus eternos leitores para descansar ao lado de Carolina.

Após a morte, é decretado luto oficial, e a Diretoria-Geral de Contabilidade do Ministério encerra seu expediente ao meio-dia. O corpo permanece em câmara ardente na sala de visitas da casa no Cosme Velho¹⁸ e, depois, no Silogeu¹⁹. Em ambos os locais, uma multidão de visitantes presta suas últimas homenagens. No dia seguinte, às 16h, as grandes personalidades do país comparecem ao enterro do escritor. Representando os companheiros da Academia Brasileira de Letras, Rui Barbosa faz também sua homenagem.

Machado de Assis marcou sua trajetória com uma produção invejável; escreveu contos, poesias, crônicas, artigos, romances e críticas. Sua obra completa é composta por: *Queda que as Mulheres Têm Pelos Tolos* (1861), *Desencantos* (1861), *Teatro* (1863), *Crisálidas* (1863), *Os Deuses da Casaca* (1866), *Contos Fluminenses* (1870), *Falenas* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da Meia-Noite* (1873), *A Mão e a Luva* (1874), *Americanas* (1875), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Tu, Só Tu, Puro Amor* (1881), *Papéis Avulsos* (1882), *Quincas Borba* (1891),

¹⁸ Bairro onde Machado viveu a segunda metade de sua vida. Por esse lugar, ficou conhecido como o “Bruxo do Cosme Velho”.

¹⁹ Casa onde se reúnem associações literárias ou científicas.

Várias Histórias (1896), *Dom Casmurro* (1899), *Páginas Recolhidas* (1899), *Esau e Jacó* (1904), *Poesias Completas* (1904), *Relíquias de Casa Velha* (1906) e *Memorial de Aires* (1908).

2.2 O Rio de Janeiro da época

O Rio de Janeiro dos primeiros anos de Machado de Assis ainda era uma cidade suja e pouco estruturada. O desenvolvimento chega com a produção do café na região, nos anos 1850. A partir daí, surgem novos hábitos culturais e se multiplicam pelas ruas as livrarias, os teatros e as editoras.

A Família Real Portuguesa havia, em 1808, se transferido para o Rio de Janeiro, transformando a cidade em uma espécie de capital europeia, aos moldes do que era Lisboa. Foi o começo de uma importante mudança na cidade que era essencialmente uma baía com grande potencial.

País escravista, o Brasil sofreu poucas alterações com a Lei Eusébio de Queirós²⁰, de 1850, e com a Lei do Ventre Livre²¹, de 1871. Um censo realizado em 1872 mostra que 17,8% da população do Rio de Janeiro ainda era composta por escravos, que trabalhavam, principalmente, nos cafezais da região. Em resumo, era uma população em que, de cada dez habitantes, cinco eram afrodescendentes, sendo dois destes escravos.

Segundo a definição de Fischer (2008, p. 42), esses escravos podiam viver em diversas situações. Os agregados – caso dos pais de Machado de Assis – eram indivíduos não-escravos, que podiam ser alforriados ou homens livres, e prestavam serviços domésticos gerais para os seus senhores. Os alforriados eram escravos libertos, que chegavam a essa situação através de uma carta de alforria, que podia ser comprada ou cedida pelo senhor. As amas-de-leite eram as empregadas domésticas que tinham como função amamentar os recém-nascidos da família. O escravo de ganho era aquele que prestava

²⁰ A lei proibiu o tráfico de escravos da África para o Brasil.

²¹ A lei declarou livres os filhos de escravas.

serviços na rua e, ao final do dia, deixava uma parte do que ganhava para o seu senhor. O pajem (ou moleque) era o menino escravo ou o menino livre filho de escravos que fazia pequenos serviços, como levar bilhetes. A mucama, por sua vez, era a empregada doméstica simples.

Infelizmente, até 1860, as alforrias eram revogáveis, o que significava que um escravo podia comprar sua carta depois de muito esforço e ver sua condição ser mantida por uma decisão unilateral de seu dono. O aparelho judiciário só funcionava de maneira positiva quando o escravo conseguia provar que sua situação era ilegal, conseguindo, assim, sua liberdade.

Para ter uma perspectiva maior de conseguir a alforria, os escravos eram bastante submissos. As chances de conquistar a liberdade eram maiores para as mulheres, para os pardos e mulatos e para os moradores das cidades. A situação escravista se manteve assim até 1888, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea²². Táci (1961, p. 226) escreveu que

Com a lei da abolição, essas misérias chegariam, oficialmente, a um termo: o homem preto deixaria de ser um “bem” do patrimônio dos brancos, que podiam castigá-lo, doá-lo, alugá-lo ou inclusive rateá-lo, como se rateiam peças de um faqueiro na partição de um espólio.

Mas o Rio de Janeiro tinha também suas belezas, como a baía de Guanabara, o morro do Pão de Açúcar, a enseada do Botafogo, o Jardim Botânico²³, o Campo da Aclamação²⁴ e a Floresta da Tijuca, entre outras. A Rua do Ouvidor, no entanto, merece destaque especial. Segundo Fischer (2009, p. 34), “foi o centro nervoso da inteligência, da moda e mesmo da política da Corte”. Já para Lima e Silva (2007, p. 274), o Ouvidor era o “ponto máximo da cidade e centro do comércio elegante, local de encontros ao cair da tarde, de exposições da moda – como o resto, vindo da Europa”. Os principais jornais do Rio de Janeiro estavam lá: *A Nação*, *Jornal do Comércio*, *Diário de*

²² Lei que acabou com a escravidão legal no Brasil.

²³ O Jardim Botânico foi criado por Dom João VI em 1808 como um viveiro de plantas exóticas. É, hoje, um dos pontos mais visitados da cidade, se constituindo, também, como um importante local de pesquisa botânica.

²⁴ Atual Praça da República.

Notícias, O País e Gazeta de Notícias. A sede da *Revista Brasileira*, na qual foi criada a Academia Brasileira de Letras, também ficava na Rua do Ouvidor. A editora Garnier, responsável pela publicação da vasta obra de Machado de Assis, também estava localizada lá. Podia se encontrar nas quadras do Ouvidor os principais restaurantes, cafés, lojas, hotéis, joalherias e consultórios médicos da cidade.

Por essa e por outras ruas do Rio de Janeiro circulavam diversos meios de transporte – muitos já extintos. O cabriolé era uma carruagem pequena e ficou conhecida quando do nascimento de Machado de Assis, em 1839. Passavam também as carruagens, os cupês²⁵, o fiacre²⁶, o landau²⁷, a sege²⁸, os tálburis²⁹, a caleça³⁰, a vitória³¹, o trem de estrada e alguns transportes coletivos (os ônibus, as gôndolas, as diligências e os bondes³²).

O ponto de estacionamento dos veículos da cidade era o Largo de São Francisco, onde paravam a maioria dos carros de aluguel e ônibus. Outro meio de transporte muito utilizado era a barca, uma embarcação a vapor, utilizada para percursos pequenos. Para ir a Niterói e a Petrópolis, por exemplo, os moradores do Rio de Janeiro deviam pegar a barca, que tinha como destino também outros pontos da baía de Guanabara. Segundo Táci (1961, p. 77), “a barca para Petrópolis saía à tarde da Prainha, e dirigia-se a Mauá, no fundo da baía, donde partia o trem”.

E era para as cidades próximas (Petrópolis, Friburgo, Teresópolis, Pati do Alferes e Vassouras) que a classe mais alta da sociedade ia quando começavam os meses de calor, pois a cidade do Rio de Janeiro “ficava empestada com os esgotos a céu aberto e as doenças tropicais” (FISCHER, 2009, p. 34). Em 1862, Machado de Assis escreveu em um artigo que “as ruas do Rio de Janeiro andam imundas, porque os fiscais não se importam com

²⁵ Pequena carruagem fechada puxada por dois cavalos, com um cocheiro no banco à frente.

²⁶ Antiga carruagem de aluguel, puxada por um só cavalo.

²⁷ Carruagem de quatro rodas, puxada por quatro cavalos. Usada apenas pelos mais ricos.

²⁸ Antiga carruagem fechada com um só assento e puxada por dois cavalos.

²⁹ Carro de duas rodas e dois assentos, puxado por um animal, surgido no Rio em 1830.

³⁰ Espécie de tálburi.

³¹ Carro com capota móvel puxado por dois cavalos. Surgiu em meados do século XIX.

³² Começou a seu usado no Rio de Janeiro a partir de 1868.

isso”. O autor mesmo foi diversas vezes até Petrópolis e Friburgo em busca do ar puro para curar suas enfermidades.

Outros destinos, no entanto, eram um pouco mais raros de serem escolhidos, pela dificuldade de acesso naquela época. Muitas estradas do interior ainda eram de terra e devia-se, para isso, encarar lombos de animais no trajeto. Quem viajava ao exterior ia quase que obrigatoriamente à Europa. A linha de navegação que ligava o Rio a Nova Iorque, por exemplo, seria inaugurada apenas em 1878. O meio aéreo não era ainda uma realidade – a ascensão aerostática³³ estava em fase de ensaio pela Corte, nos idos de 1864. O próprio Machado de Assis nunca foi ao exterior, tendo conhecido apenas as cidades de Petrópolis e Vassouras, no Rio de Janeiro, e Barbacena, em Minas Gerais.

Quem se refugiava do calor e das doenças em Petrópolis não perdia a agitada vida cultural da cidade, pois o começo das atividades coincidia com o fim do verão. Para a alta sociedade, as festas mais comuns eram aquelas oferecidas nas casas dos grandes proprietários e comerciantes, conhecidas como salões. Eram reuniões compostas por jantares, saraus e bailes. No sarau, eram comuns as apresentações da filha da família, que ia ao piano mostrar seu talento e cantar alguma ária, canção lírica ou uma modinha brasileira.

O piano era o instrumento mais comum nas casas fluminenses, quando, em meados do século XIX, passou-se a importá-lo. As famílias de classe alta priorizavam a música erudita, mas a modinha – canção lírica que traz quase sempre um tema amoroso – também era muito aceita. O Brasil viu nascer importantes gêneros populares, como o canção, a quadrilha, o lundu³⁴, a polca³⁵, o schotisch³⁶ e o tango.

³³ A Aerostática estuda o equilíbrio dos gases e dos corpos sólidos imersos nos gases. Considera apenas a influência das forças gravitacionais, e faz parte da estática (parte da Física que estuda sistemas sob a ação de forças que se equilibram) de fluidos.

³⁴ Espécie de dança própria para bailes de máscara.

³⁵ Atualmente chama-se choro.

³⁶ Atualmente chama-se xote.

Não só o piano era móvel corriqueiro nas casas de classe mais alta. Era comum encontrar poltronas, canapés³⁷, mesinhas redondas de mogno, cadeiras tipo americana, pufes, marquesas³⁸, cadeiras de balanço, redes, cortinas e caixas de música. As casas deveriam não só ser confortáveis, como mostrar o prestígio da família. Era de praxe ter uma vasta varanda com grandes portões; e não se poderia deixar de ter uma sala de jantar, uma sala de visitas e o gabinete do patriarca.

Dentro das casas, a iluminação dependia da luz de estearina³⁹, das velas e das lamparinas. Nas ruas, até o surgimento do gás em 1860, usavam-se os lampiões de azeite. Mesmo depois do aparecimento da iluminação a gás, muitas famílias mantinham-se arraigadas aos velhos hábitos e permaneciam com as velas. Em artigo de 1862, Machado relata que a iluminação a gás era precária, porque já por volta das duas horas da noite as ruas ficavam às escuras. Como a iluminação a gás só chegou ao Brasil em 1854, antes disso os passeios, encontros e reuniões se davam até antes das 18h, quando a população já começava a se encaminhar para a ceia. A luz elétrica, que mudaria esse estilo de vida, só viria em 1880, se popularizando apenas no fim do século XIX.

A vida cultural daquele tempo girava fortemente em torno do teatro. Não é à toa que Machado de Assis, a despeito da aparente falta de talento para o ramo, quis dedicar parte de seu tempo à escrita e tradução de peças. Os importantes teatros daqueles anos foram o Teatro Lírico, o Real Teatro São João⁴⁰, o Ginásio Dramático, o Teatro São Januário, o Teatro São Pedro e o Teatro Lírico Fluminense. Entre as apresentações destacavam-se os dramalhões, as comédias populares, as peças modernas (do realismo francês), o teatro musical e o teatro de variedades (espécie de atração circense). O teatro lírico, para um público bastante restrito, era conhecido por suas primadonas importadas da França e da Itália.

³⁷ Qualquer tipo de assento, com costas e braços, para duas ou mais pessoas.

³⁸ Estilo um canapé, mas mais largo e com assento de palha, na maioria das vezes.

³⁹ A estearina é uma mistura dos ácidos esteárico e palmítico, usada fortemente na fabricação de vela e sabão.

⁴⁰ Inaugurado em 1813, desde 1923 chama-se Teatro João Caetano.

Outros pontos de encontro culturais importantes eram os clubes, muito frequentados por Machado de Assis e outros integrantes da elite cultural da época. Havia o Clube Fluminense, o Club Beethoven, O Clube Schubert e a Sociedade Petalógica. Mas muitas reuniões intelectuais se davam também na Biblioteca Nacional⁴¹ e na Biblioteca do Gabinete Português de Leitura⁴².

Para os homens de estudo da época, o caminho mais natural a seguir era ser bacharel em Direito (na Universidade de Coimbra, na Faculdade do Recife ou em São Paulo) ou estudar Medicina no Rio de Janeiro. Eram vistas como profissões ilustres o funcionalismo público e os cargos políticos. Às mulheres, dava-se o direito de frequentar o colégio para aprender a ler, escrever e contar, além de aprender o francês e algum serviço doméstico, como obras com agulha. Depois de terminados os estudos básicos, as mulheres se dedicavam à equitação, à música, à atividade social, ficando o trabalho a cargo daquelas de baixa classe social ou que estivessem afastadas da família.

Na moda, a sociedade de Machado viveu uma época de certo requinte, com a volta do espartilho e das armações nas roupas femininas, e com a casaca e a cartola compondo o vestuário masculino. Mais para o fim do século, a moda masculina sofre leve alteração, entrando o chapéu, o paletó e a gravata borboleta na lista das roupas mais usadas.

No lazer, figuravam os jogos como a bisca⁴³, o voltarete⁴⁴, o gamão⁴⁵, o pôquer, o uíste⁴⁶, a loteria e o jogo do bicho. O rapé, espécie de fumo em pó, foi amplamente utilizado até 1850, quando foi substituído pelo charuto. Entre os esportes, os mais comuns eram a equitação, a natação, a capoeiragem, o duelo, além da caça e da corrida de cavalos. Na religião, até a Proclamação da

⁴¹ A Biblioteca Nacional era composta, basicamente, pelo acervo da família real portuguesa e foi aberta ao público em 1814.

⁴² Fundada em 1837, foi criada por comerciantes lusos.

⁴³ Jogo de cartas para duas ou quatro pessoas.

⁴⁴ Jogo de cartas para três pessoas; mais mundano que a bisca.

⁴⁵ Jogo de tabuleiro, jogado entre dois parceiros.

⁴⁶ Jogo comum no século XIX, que consistia em uma disputa com um baralho de 52 cartas, à semelhança do que conhecemos como *bridge*.

República, em 1889, o país era oficialmente católico. Ir à igreja era não só sinal de fé, mas de cumprimento de dever social. Deixara de ser hábito fazer as moças virarem freiras, mas mantinha-se a cultura das festas religiosas e das procissões.

Em resumo, Fischer (2009, p. 39) define a cidade daquele tempo como

[...] porto internacional, lugar de comércio em larga escala, sede de grandes companhias de exportação e importação; sede da monarquia portuguesa e depois do Império brasileiro, com toda a sua burocracia e sua pompa; cidade moderna pelo contato direto com as novidades europeias; e finalmente cidade atrasadíssima em matéria social, pela manutenção de uma prática escravista condenada por todos, pelo menos desde a Revolução Francesa.

No livro “A Juventude de Machado de Assis”, Massa (2008) conta o que um viajante português escreveu sobre o Rio de Janeiro, ao chegar na cidade no ano de 1847:

A perspectiva da Cidade de São Sebastião, Capital do Império do Brasil, não é para incutir grande impaciência de desembarcar nas suas praias: é um agregado de casas irregulares e pouco elegantes, assentadas à beira do rio.

Moisés (1960, p. 9), por sua vez, escreve que

[...] o Rio de Janeiro de meados do século XIX era ainda uma cidade provinciana e pacata. Afora o centro, a zona da Rua do Ouvidor, Rua Larga (depois Uruguaiana) e das demais vias elegantes, era um burgo despovoado, salvo algumas quintas fidalgas, margeando a praia e abraçando os morros, ainda pobres do casario que vieram a ter mais tarde.

A política no Brasil durante a vida de Machado de Assis (1839 – 1908) teve muitas influências das revoltas e acontecimentos mundiais. Em 1848, estoura a Revolução Francesa e é publicado o “Manifesto Comunista”, de Karl Marx e Friedrich Engels; em 1861, começa a Guerra Civil nos Estados Unidos; em 1865, começa a Guerra do Paraguai e acontece a libertação dos escravos nos EUA; em 1870, acaba a Guerra do Paraguai e sai o “Manifesto Republicano”; e, em 1871, acontece a conclusão da unificação do Império Alemão e a Comuna de Paris.

No Brasil, os principais acontecimentos durante a vida de Machado de Assis foram a Guerra Grande⁴⁷, em 1852; a Era Mauá, em 1850; a Lei Eusébio, em 1850; a Lei do Ventre Livre, em 1871; a Abolição da Escravatura, em 1888; a Proclamação da República, em 1889; e a Revolução de Canudos, em 1897.

⁴⁷ Guerra em que o Brasil derruba Rosas da Argentina e Oribe do Uruguai, acabando com projetos de união na região do Prata.

3. A IMPRENSA DO SÉCULO XIX

3.1 Os primeiros anos da imprensa brasileira

Para muitos estudiosos (MELO, 2005; BAHIA, 1990), a história da imprensa no Brasil começou com a instalação da tipografia Impressão Régia⁴⁸, em 13 de maio de 1808, por Dom João VI. O jornal oficial da Corte, impresso na tipografia, foi a Gazeta do Rio de Janeiro, lançada no dia 10 de setembro do mesmo ano. Utilizada para a publicação de decretos e fatos relacionados à família real, seguia o padrão da Gazeta de Lisboa (LUSTOSA, 2003, p. 20). Antes da Impressão Régia, o Brasil conheceu dois aprendizes de tipografia, que não imprimiram mais que pequenos folhetos e algumas orações. A primeira, em Recife, data de 1706; a segunda, no Rio de Janeiro, de 1746. Ordens régias, no entanto, proibiram a existência de ambas e daquelas que porventura viessem a surgir.

Entretanto, outra parte dos estudiosos (LUSTOSA, 2003; MARTINS, 2008) creditam ao Correio Braziliense⁴⁹ o pioneirismo da imprensa brasileira. O periódico foi impresso por Hipólito José da Costa em Londres, sendo lançado no dia 1º de junho de 1808, data em que se oficializou o Dia da Imprensa.

Independentemente da data oficial, a verdade é que a introdução da imprensa no Brasil foi marcada por três características: censura, oficialismo e atraso em relação aos vizinhos americanos (VITORIO, 2008, p. 40). Não fomos os últimos apenas em relação à América Latina, mas, se tirarmos de discussão a Ásia e a África, podemos dizer que o Brasil foi um dos últimos países do mundo a conhecer a imprensa (RIZZINI, 1988, p. 309). A censura acabaria apenas em 28 de agosto de 1821, decretada por D. Pedro. A proibição de instalação de prelos no país havia sido decretada por D. João e já durava 74

⁴⁸ A Impressão Régia mudou de nome duas vezes – Real Tipografia e Tipografia Real – até que, em 1821, tornou-se Imprensa Nacional, nome que perdurou durante a República. Era subordinada a uma Junta Diretora, que realizava uma censura prévia.

⁴⁹ Os brazilienses eram os portugueses que se sentiam verdadeiramente brasileiros. Os índios, na época, eram chamados brasilianos. O termo brasileiros era utilizado para os comerciantes que faziam negócios no Brasil.

anos. Entretanto, o período do escravismo (1841 – 1888) não permitiu muita liberdade à nossa imprensa, que ainda se manteve sob forte influência política e econômica. O problema perdurou, como afirma Bahia (1990, p. 42):

[...] as dificuldades e as queixas dos jornalistas e impressores, sobretudo nas províncias, deriva substancialmente de dois fatores que persistirão até 1880: a improvisação, associada ao partidarismo; e a tutela do poder político, que limita a liberdade de iniciativa e impõe pressões econômicas para aliviar ou calar opiniões contrárias.

Um dos primeiros periódicos a circular após o decreto do fim da censura foi feito por José da Silva Lisboa (futuro Visconde de Cairu), um dos diretores da censura da Imprensa Régia. É também de sua autoria o panfleto *Despertador Braziliense*, considerado “o primeiro grito de nossa independência” (LUSTOSA, 2003, p. 25).

A vida da imprensa no Império teve ligação forte com o desenvolvimento cafeeiro e com a estrutura escravista que mantinha esse poder. Para os cafeicultores, a imprensa devia estar em suas mãos e servi-la (SODRÉ, 1966, p. 209). Por esse motivo, a questão política era muito presente, restando às revistas e aos jornais especializados a publicação de textos críticos, cotidianos e literários. Sobre esta época, o jornalista Sívio Romero escreveu que

[...] no Brasil, mais ainda do que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, é orador e é político. (ROMERO apud SODRÉ, 1966, p. 212)

A imprensa política dividia-se entre liberais e conservadores. Mas com a Monarquia, estava no poder o conservadorismo da Igreja Católica e do Estado. Nesse contexto, a imprensa não poderia mesmo ter sido livre. Como assinala Martins (2008, p. 48), “em geral, os partidos e respectivas famílias se fazem representar por meio de um jornal, demarcador de suas posições, ambições e

lutas”. Um exemplo disso é a Revolta da Praieira⁵⁰, no Recife, onde conservadores e liberais fizeram uso do jornal como meio de luta.

Mesmo o primeiro jornal impresso em oficina particular foi submetido a orientações e limitações oficiais (MELO, 2005, p. 27). Da Typographia Serva, em 1811, o português Manoel Antônio da Silva Serva lançava o pequeno jornal *Idade d’Ouro do Brazil*. Este jornal, que circulou todas as terças e sextas-feiras, foi o segundo impresso em solo brasileiro (este, em especial, na Bahia), perdendo o posto apenas para a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

A produção panfletária trabalhava, paralelamente à circulação de jornais partidários, com força, buscando uma maneira de expressão. Alguns dos exemplos da época são *Carta aos Eleitores*, *Facção Áulica* e *Libelo do Povo*. Entre os anos de 1808 e 1880, houve uma atividade panfletária ininterrupta. Os panfletos e a marcante discussão verbal são marcas da fase inicial de nossa imprensa (BAHIA, 1990, p. 85).

A segunda metade do século XIX, no entanto, traz outra configuração ao jornalismo. As mudanças sociais começam com a extinção do tráfico negreiro em 1850 e com o início do desenvolvimento da indústria e dos meios de transporte, como as ferrovias. Com as mudanças sociais, vinham as mudanças culturais e, por isso, o jornalismo teve de se adaptar à nova conjuntura. Os jornais passam a fornecer mais informações e começa a aflorar também o lado comercial, das tiragens, dos anúncios e dos lucros (TRAQUINA, 2004, p. 34).

É possível notar, a partir de 1850, uma mudança também na formatação dos jornais, que deixam de ser pequenas publicações de quatro páginas, para se transformarem em grandes meios de comunicação – exemplo de *O Constitucional*, *O Diário do Rio de Janeiro* e *o Correio Mercantil*. Nascido em 1826, o *Jornal do Commercio* se consolida de vez como modelo jornalístico da época. A partir desse ano, os jornais deixam de ser folhetos de poucas páginas com formato de livro (SANDRONI, 2007, p. 29).

⁵⁰ Movimento liberal e separatista que eclodiu na década de 40 do século XIX em Pernambuco.

A forma de um livro era aplicada por uma necessidade que o jornalismo tinha de substituir as escolas, tão raras, e melhorar o ensino da população – grande parte era semi-escolarizada ou analfabeta. Para se ter uma ideia, apenas 10% das crianças em idade escolar tinha acesso à matrícula no ano de 1867 (BAHIA, 1990, p. 108). Apesar de perder o antigo formato, o jornal vê um aumento substancial no seu número de páginas, com o intuito de dar conta de uma série de assuntos e explicá-los da melhor maneira possível. Cada número do Correio Braziliense, por exemplo, tinha cerca de cem páginas. Morel (1998, p. 8) escreve que

[...] eram sobretudo publicações opinativas que, independente da posição política, tomavam partido e se revestiam de uma missão pedagógica em relação à sociedade, buscando esclarecer, orientar ou mesmo libertar seus leitores.

Outras características que passam a fazer parte dos jornais são os anúncios, tendo a Gazeta do Rio de Janeiro uma seção exclusiva e famosa⁵¹ destinada a ofertas e procuras de diversos produtos e serviços. O pesquisador Godin da Fonseca (apud BAHIA, 1990, p. 19) afirma que “de 1808 a 1880, publicaram-se no Rio cerca de 1 milhão de anúncios de escravos”. Já em 1828, Plancher⁵² utilizou uma técnica forte para aumentar os anúncios em seu jornal: todo o material que chegasse até o meio-dia, saíria gratuitamente. Para Sandroni (2007, p. 46), Plancher foi “um dos primeiro publicitários do Brasil a adotar métodos mercadológicos (o sistema de descontos) que vigoram até hoje”.

Mas não é só de jornais que vive a imprensa do Império. Ao seu lado, a revista desempenhou papel importante, por manter um caráter mais voltado à literatura. O editor Paula Brito fez uma boa aposta e lançou A Mulher do Simplício, em 1832, A Marmota Fluminense, em 1849, e Guanabara, também em 1849. As revistas ilustradas são inauguradas pelo surgimento, em 1844, de

⁵¹ A seção dizia: “se porão quaisquer anúncios que se queiram fazer, devendo estes estar na quarta-feira no fim da tarde na Impressão Régia”. A inserção não era cobrada.

⁵² Pierre René François Plancher, editor e jornalista francês, foi o responsável pela impressão da Constituição do Império do Brasil, além de ter lançado o Jornal do Commercio.

Lanterna Mágica, mesmo ano em que chegam os almanaques, com o lançamento do Almanaque Laemmert.

A partir dos anos 1850, as revistas e os jornais deixam de ter uma divisão de conteúdos tão definida, uma vez que nomes da elite literária, como Machado de Assis, dedicam sua escrita às duas publicações. O livro não era muito bem aceito na época, devido ao custo mais elevado. Para Martins (2008, p. 57), “no país de fraco poder aquisitivo, o gênero periódico figurou como suporte fundamental do impresso no Brasil ao longo do século XIX”.

O progresso do jornalismo era visível, a saber pelo número de tipografias, que saltou de uma em 1808 para trinta em 1862. Apesar de o Rio de Janeiro ser o principal foco de concentração desse crescimento, por ser a sede da Corte, os outros Estados do Brasil viam, mesmo que mais lentamente, o desenvolvimento dos impressos. São Paulo, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais eram também bastante influentes, seguidos por Rio Grande do Sul e Pará. É interessante notar que, em São Paulo, o jornalismo se deu quase que fundamentalmente por meio dos alunos da Faculdade de Direito⁵³.

Eram os acadêmicos que passavam a dominar a literatura, a política e o jornalismo brasileiros, apesar de não serem muito bem vistos. O Padre João Manuel (apud MARTINS, 2008, p. 60), exaltado republicano, escreveu que “o romancista, o dramaturgo, vivem da imaginação, de sonhos, de ilusões, de cismas, de êxtases, de ficções; o estadista deve inspirar-se no estudo, nos conselhos da razão e da experiência”. Daí provém o uso de pseudônimos, escudos da época (HELOÍSA HELENA LUCA apud GUIMARÃES NETO, 2010), pois esses bacharéis evitavam assinar seus textos.

Além dos acadêmicos, os jornais eram feitos por diversos profissionais. A redação da Gazeta do Rio de Janeiro, por exemplo, tinha, ainda, entre seus redatores muitos padres e demais eclesiásticos. As redações dos jornais, que sempre contiveram literatos, tinham em grande número também os publicistas

⁵³ Na Academia de Direito do Largo de São Francisco, criada por D. Pedro I em 1827, os estudantes trocavam ideias e expressavam-nas através das folhas dos jornais.

(misto de jornalista e político) e começariam a ver nascer a classe dos repórteres de profissão – os correspondentes se tornam comuns apenas no fim do século XIX. Tendo em vista que os salários pagos eram baixos, como já reclamava Machado de Assis, os escritores se viam obrigados a procurar outras maneiras de aumentar o orçamento, entrando, por exemplo, para o funcionalismo público.

Na contramão dos clássicos textos dos acadêmicos, vinham os pasquins⁵⁴, com suas opiniões polêmicas e sua visão mais popular. Entre os primeiros exemplares do estilo, destacam-se Ba-ta-clan, O Corsário e O Mequetrefe.

A vontade de fazer uma sátira aos acontecimentos da época teve espaço de manifestação também nas caricaturas. Segundo Martins (2008, p. 65), a primeira veiculação pode ser atribuída a Manoel de Araújo Porto Alegre, em 1837, no *Jornal do Commercio*. A expressão pelo desenho tinha duas grandes vantagens: atingir o público que não tinha a leitura como hábito, e escapar de eventuais censuras. O sucesso foi visível, o que impulsionou as oficinas litográficas a incentivarem a publicação das caricaturas e das incipientes charges. Os temas mais freqüentes utilizados para a crítica através do humor eram “a benevolência na distribuição dos títulos nobiliárquicos, o obscurantismo religioso, a presença retrógrada da instituição escrava, as crises ministeriais” (MARTINS, 2008, p. 66).

Ainda na primeira metade do século XIX, outras produções especializadas foram sucesso no Brasil: as revistas para o público feminino. Entretanto, foi apenas em 1852 que uma mulher lançou e editou um jornal com redação também composta por representantes do sexo feminino. A argentina Joana Paula Manso de Noronha, moradora do Rio de Janeiro, lançou *O Jornal das Senhoras*. A mulher passava a ser leitora, produtora e consumidora de periódicos. Outras mulheres seguiram o seu exemplo. Violante Ataliba

⁵⁴ Jornais de sátira ou panfletos difamadores.

Ximenes⁵⁵ assumiu o Jornal das Senhoras depois do retorno da pioneira à Argentina e fundou seu próprio jornal, O Domingo, em 1873. No mesmo ano, foi lançado O Sexto Feminino, de Francisca Senhorinha da Motta Diniz e de Albertina Diniz. O Eco das Damas, da carioca Amélia Carolina da Silva Couto, saía em 1879.

Um dos atrativos às leitoras femininas eram os folhetins, que se popularizaram por volta dos anos 1840. O Jornal do Commercio decidiu estreitar a seção e publicou o clássico O Conde de Monte Cristo, do escritor francês Alexandre Dumas. Com a boa receptividade do público, alguns escritores brasileiros criaram coragem para se aventurar pela novidade. Machado de Assis publicou em forma de folhetim importantes obras suas, como A Mão e a Luva, de 1874, em O Globo, e, em 1878, Iaiá Garcia, em O Cruzeiro. O negócio dos folhetins era vantajoso para o jornal, que criava vínculo com os leitores, ansiosos pela continuação das histórias, e aumentava as vendas; e era vantajoso também para os escritores, que se popularizavam. Felipe Pena (2008, p. 29) definiu algumas características do folhetim brasileiro:

Ele era dirigido a um público muito vasto, de todas as classes. Portanto, a linguagem deveria ser simples e acessível. Além disso, para facilitar a compreensão, eram utilizados recursos de homogeneização cultural, como estereótipos, clichês e estratégias correlatas. Histórias de adultérios, amores impossíveis e odisséias aventureiras tinham como objetivo a lágrima melodramática e o riso fácil.

As críticas literárias entravam com peso nas publicações, seguindo a tendência de unir jornalismo e literatura. O editor Plancher iniciou as seções destinadas a esse segmento em seu Jornal do Commercio. A “Revista Hebdomadária sobre Literatura e Teatro” teria sido o primeiro suplemento literário e artístico da nossa imprensa (SANDRONI, 2007, p. 47).

As mudanças atingiam também a parte técnica, pois mais avanços auxiliavam no desenvolvimento dos impressos no Brasil. Desde 1817, utilizava-

⁵⁵ Violante era filha do redator dos dois primeiros periódicos não-oficiais (Idade d'Ouro do Brazil e Variedades), o português Diogo Soares da Silva de Bivar.

se a litografia⁵⁶ para a impressão dos periódicos. Rizzini (1988, p. 137) relatou a euforia dessa conquista na época em que surgiu ao dizer “que distância do papiro a este papel! Do copista a esta imprensa! Daqueles desenhos pintados a estas ilustrações da gravura e da litografia, reforçados pela fotografia e pelo galvanismo”. Mas só em 1885 chegaria a zincografia⁵⁷, utilizada inicialmente em *A Semana*. O uso da cor, no entanto, já vinha acontecendo desde 1859, por meio de um sistema de relevo. A rapidez das impressões evoluía de maneira bastante significativa também. No século XV, época de Gutemberg, era possível imprimir 50 páginas por hora; com os prelos com cilindros de 1814, se passou a 1.100 páginas por hora; chegando a 95.000 páginas por hora com as rotativas dos anos 1870 (TRAQUINA, 2004, p. 38). Já a fotografia mudava os conceitos de realismo, por volta dos anos 1850.

Mais no final do século, em 1890, o *Jornal do Commercio* seria o primeiro a importar máquinas linotipos⁵⁸ e um dos primeiros a usar a rotativa (MELO, 2005, p. 88). A partir deste período, o processo de produção seria extremamente mais veloz. Os prelos das marcas Alauzet e Stanhope continuaram predominando, mas as tipografias eram cada vez mais bem equipadas (BAHIA, 1990, p. 80).

As inovações tecnológicas chegavam também para substituir os precários meios de transporte. No século XIX, as notícias demoravam semanas ou mesmo meses para chegar até o destino, devido à grande dificuldade de locomoção – os fatos da Europa chegavam com bastante atraso até a cidade do Rio de Janeiro, corte da época. A criação do telégrafo, em 1844, e do telégrafo a cabo, em 1866, começariam a mudar essa realidade. A distribuição dos jornais aos assinantes e às cidades do interior sofria com essa dificuldade de transporte. Os primeiros jornaleiros – negros, ex-escravos e mulatos –, contratados para suprir a demora do correio (criado em 1844), surgiram em 1858, no jornal *Atualidade*.

⁵⁶ A litografia é uma gravação em pedra, onde o artista desenha com lápis sobre uma pedra calcária.

⁵⁷ A zincografia substituiu a pedra por lâminas de zinco.

⁵⁸ O linotipo foi inventado na Alemanha, em 1890, e é composto por um teclado. Cada caractere tipográfico é fundido para formar as linhas.

A política voltou com peso ao jornalismo no final do século XIX, quando da luta pela Abolição. Fizeram propaganda pela causa republicana jornais como A República e a Gazeta de Campinas. O órgão liberal ficou praticamente a cargo de O Correio Paulistano. Segundo Martins (2008, p. 74), “oficialmente, a imprensa da Corte e das demais capitais mantinha-se monarquista”. Exemplos disso foram O País, A Gazeta de Notícias e o Diário de Notícias. Grandes nomes, como José do Patrocínio e Castro Alves, faziam a campanha abolicionista acontecer nas publicações do país. Na Revista Ilustrada, o cartunista Angelo Agostini⁵⁹ também fazia sua parte pela causa republicana.

Em verdade, desde o início do século, a imprensa mundial já tinha sua força reconhecida e era chamada de “Quarto Poder”. Esse conceito foi criado em 1828, quando o deputado Lord McCaulay, do Parlamento inglês, deu aos jornalistas este apelido. Segundo Ribeiro (2002), “assim, ele definia o papel dual e fundamental da imprensa quando a democracia começava a ser instituída como sistema de governo”. De apelido, esta se transformou em denominação que conferiu autoridade a uma classe que passaria a entrar na lista junto com os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

A Lei Áurea, que extinguiu a escravidão do país, foi assinada em 13 de maio de 1888. Em 15 de novembro de 1889, era proclamada a República. O jornalismo que lutou por causas políticas iria agora se dedicar à construção de uma nova nação e ver o tão pretendido progresso transformar a imprensa nacional.

A época do jornalismo vivida por Machado de Assis teria verdadeiramente sofrido influência da literatura. Durante os anos de vida do autor, a população do Brasil girou em torno dos 4,5 milhões de habitantes. Destes, 2,5 milhões eram livres, 1,2 milhão eram escravos e os demais eram índios. Para Bahia (1990, p. 52), “os jornais da Regência e do Primeiro Reinado expõem a divisão da sociedade”.

⁵⁹ Agostini dirigiu a Revista Ilustrada e dirigiu, ainda, outra revista de sucesso no ramo, D. Quixote, que circulou entre 1865 e 1902.

De acordo com Traquina (2004, p. 33), o jornalismo mundial passou por mudanças devido a três fatores principais:

1) a sua expansão, que começou no século XIX com a expansão da imprensa, e explodiu no século XX com a expansão de novos meios de comunicação social [...]; 2) a sua comercialização, que teve verdadeiramente início no século XIX com a emergência de uma nova mercadoria, a informação, ou melhor dito, a notícia; 3) concomitantemente, o pólo econômico do campo jornalístico está em face da emergência do pólo intelectual com a profissionalização dos jornalistas e uma conseqüente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia.

A imprensa brasileira teve grandes nomes que ajudaram na construção de sua história e de sua evolução. Hipólito José da Costa, patrono oficial da imprensa brasileira, é um dos mais referidos como pioneiro no país. Cipriano Barata é o símbolo do jornalismo panfletário, lutador idealista. Rui Barbosa se consolidou como jornalista republicano mais simbólico. Gustavo de Lacerda fundou, em 1908, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Manoel Antônio da Silva Serva lançou o primeiro jornal impresso em oficina particular, o *Idade d'Ouro do Brasil*. Araújo Guimarães foi o primeiro jornalista profissional do país, quando contratado pela *Gazeta do Rio de Janeiro* para exercer a função de redator do jornal.

3.2 Jornal O Espelho

O jornal *O Espelho* circulou no Rio de Janeiro entre 4 de setembro de 1859 e 8 de janeiro de 1860, totalizando 19 edições. Com periodicidade semanal, *O Espelho*⁶⁰ era dirigido por Francisco Eleutério de Sousa, então acadêmico de Medicina recém chegado da Bahia.

⁶⁰ Não se pode confundir este periódico, no entanto, com outro jornal de mesmo nome que circulava no país. Publicado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, o primeiro jornal intitulado *O Espelho* foi lançado em outubro de 1821, com o provável subsídio de Dom Pedro (LUSTOSA, 2003, p. 24). Vale ressaltar que, assim como afirma Bahia (1990, p. 114), “os títulos de jornais e revistas se repetem com frequência sem que haja qualquer relação entre si”.

O primeiro número do jornal trouxe a apresentação dos ideais progressistas de seus elaboradores: “O Espelho será pois o pequeno revérbero de uma parte desses raios com que a inteligência procura iluminar o mundo. [...] Dedicado às letras, às artes, à indústria e à moda” (FARIA, J. 2009, p.12). Entre seus colaboradores, estavam Casimiro de Abreu, José Joaquim de Macedo Júnior, Moreira de Azevedo, Machado de Assis e o próprio Francisco Eleutério de Sousa. Apesar da curta existência, O Espelho teve tempo de estampar em suas páginas bons textos sobre literatura, teatro, artes e indústria, tal qual se propunha a fazer. Além disso, foram publicados poemas, crônicas e até romances originais ou traduzidos.

Machado de Assis, na época com 20 anos, publicou seus poemas, suas crônicas e críticas teatrais, sendo, pela primeira vez, pago para escrever. Sobre as peças em cartaz e sobre a situação do teatro, escreveu as séries “Revista dos Teatros”, que durou 18 edições, e “Ideias Sobre o Teatro”, que apresentou apenas três artigos. Em “Aquarelas”, Machado escreveu seus poemas e crônicas, além de ter feito um artigo intitulado “A reforma pelo jornal”. Sobre sua função no jornal, escreveu:

Estou cômico do dever. Folhetinista pobre mas honesto, prometo não dar um motivo de descontentamento aos belos espíritos encastoados em cachemira e seda, que têm a complacência de perder algumas horas comigo, antes de ir para o toucador; em compensação, estou certo que me não tomam por escritor fofo, alarve que coma pão, com perda do estômago social e do senso comum. (MACHADO DE ASSIS apud COSTA, 2001, p.69)

A maioria dos textos que Machado escreveu para o jornal foi assinada como “M-as”, embora haja dois com o nome de “M.A.” e dois de autoria duvidosa, apesar de muitos estudiosos do escritor concordarem com a autoria machadiana.

No dia 9 de outubro de 1859, o jornal anunciou o lançamento da série “Galeria Dramática”, que traria biografias de artistas teatrais. Dizia: “Brevemente encetaremos a publicação de uma galeria dramática – biografias

e um retrato correspondente. O fotógrafo é o Sr. Gaspar Guimarães e o biógrafo é o Sr. Machado de Assis”. Mas O Espelho desapareceu antes de ser iniciada a série, que seria apresentada em 1º de maio de 1860, na revista teatral “O Entreato”. A primeira a ser biografada foi Gabriela Augusta da Cunha⁶¹. Para a atriz, Machado escreveu um poema intitulado “A D. Gabriela da Cunha”, publicado em O Espelho no dia 25 de dezembro de 1859:

Pára! Colhe essas asas um instante
Olha que senda percorrendo vens!
Pára! É o marco final de caminhante,
E mais espaços a vencer não tens!

Três meses antes, Machado de Assis havia feito uma crítica ao drama francês “A Honra de Uma Família”⁶², em que Gabriela atuava.

O teatro era, realmente, o grande mote não só d’O Espelho, como de diversos outros periódicos da época. Segundo Costa (2001, p.68), “era a primeira vez que se fazia crítica teatral, metodicamente, no Brasil”.

⁶¹ Gabriela Augusta da Cunha era uma atriz portuguesa, a quem Machado chamava Corina e por quem foi apaixonado.

⁶² Drama em quatro atos escrito em 1901 por João dos Santos Monteiro.

4. Os tipos parasitários nas crônicas de Machado de Assis

4.1 Definindo a crônica

Crônica é um gênero narrativo, cuja etimologia remete ao latim *Chronus* (tempo) e cujos significados míticos remetem a *Chronos*, o deus grego do Tempo. Em termos literários, pode ser definida como uma narração histórica por ordem cronológica. É um gênero culturalmente definido, o que significa que sua caracterização varia de país para país⁶³. No jornalismo brasileiro, a crônica instituiu-se como um “relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (MELO, 2003, p. 149). A crônica é um híbrido de jornalismo e literatura, com relatos breves e episódicos de histórias do cotidiano.

Para Afrânio Coutinho⁶⁴ (apud MELO, 2003), o folhetim é o primeiro formato que a crônica assume no Brasil, nascendo em 1852, no *Jornal do Commercio*, com Francisco Otaviano. Depois dele, os folhetinistas deram continuidade a esse trabalho já em um formato mais próximo das crônicas que conhecemos hoje – Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto. “À medida que a crônica ganhou o seu espaço no jornal impresso, sobretudo, com os textos de Machado de Assis, no século XIX, o fator tempo passou a não ser tão fundamental. O aspecto cronológico cedeu caminho às inúmeras possibilidades de significados da crônica, à sua abrangência temática e linguística” (NEIVA⁶⁵ apud TUZINO, 2009, p. 6).

Não há consenso sobre os tipos de crônica existentes. Apontamos duas classificações nas quais poderíamos inscrever o trabalho de Machado de Assis como cronista.

⁶³ Sobre estas distinções, sugerimos a leitura de Melo (2003).

⁶⁴ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. VI. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul-America, 1971.

⁶⁵ NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. A crônica no jornal impresso brasileiro. Disponível em <www.unirevista.unisinos.com.br>.

Luiz Beltrão⁶⁶ (apud MELO, 2003) indica que a crônica pode ser classificada quanto ao tema e quanto ao tratamento que dá ao tema. Pensando a partir do tema, Beltrão propõe três espécies de crônica: *geral*, em que o autor aborda assuntos variados; *local*, em que trata de temas cotidianos da cidade; *especializada*, quando fala de um assunto no qual é especialista. A partir do tratamento, identifica três outras espécies: *analítica*, quando os fatos são brevemente expostos; *sentimental*, quando os fatos comovem o leitor; e *satírico-humorística*, quando tem um lado caricatural e o uso da ironia. Segundo essa tipologia, Machado de Assis se enquadraria na crônica *satírico-humorística*, por vezes *geral* e por vezes *local* – quando seu foco de atenção se volta para o Rio de Janeiro de sua época.

Para Afrânio Coutinho⁶⁷ (apud MELO, 2003, p. 159), Machado faria parte de um grupo denominado *crônica metafísica*, “constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico; são meditações sobre os acontecimentos e sobre os homens”.

4.2 Método: Análise de Discurso

Partindo dos princípios da Análise de Discurso francesa, o jornalismo é um discurso dialógico, polifônico, opaco, efeito e produtor de sentidos, e é elaborado segundo condições de produção e rotina particulares (BENETTI, 2007, p. 107). Como a linguagem é dialógica, ela se baseia em duas relações: a relação entre discursos, que chamamos de interdiscursividade, e a relação entre sujeitos, que denominamos intersubjetividade.

Interessa especialmente aqui nesta análise a intersubjetividade, que diz que um discurso, para existir, necessita de quem o enuncia e de quem o recebe, no caso o leitor das crônicas. É no encontro desses sujeitos, o que enuncia e o que interpreta, que se produzem os sentidos potencialmente dispostos em um texto concreto. Ao tomar um objeto empírico do século XIX, é

⁶⁶ BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

⁶⁷ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. VI. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul-America, 1971.

preciso considerar que o ambiente de interpretação do pesquisador – o analista – é evidentemente muito diverso do contexto de produção original daquele discurso. A relação intersubjetiva se desloca, e agora se dá entre autor e pesquisador. Essa relação, porém, ocorre em um ambiente redimensionado pelo contexto de interpretação, que se dá em outra época, sob outras circunstâncias e já mediado por um acúmulo de conhecimentos bastante diferentes dos leitores originais. Por isso, o esforço teórico de buscar reconstruir o ambiente histórico da época, ainda que o pesquisador tenha consciência das lacunas deste processo. O contexto de produção do texto é peça-chave para seu entendimento, como explica Benetti (2007, p. 108):

O fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais. Se o vemos deste modo, necessariamente somos obrigados a abandonar uma outra visão ingênua, a de que o discurso poderia ser analisado sem considerar o contexto de produção de sentidos.

É importante salientar o quanto este discurso, em particular, tem de exterioridade. Falamos aqui de um gênero jornalístico particular, que se dá em um quadro de produção e de interpretação subordinado aos valores de uma época. Não se trata apenas da dificuldade de desbravar uma língua que já não dominamos, porque datada e plena de expressões cujo uso foi abandonado ao longo do tempo – expressões que não fazem parte do repertório contemporâneo e exigem um esforço adicional de pesquisa bibliográfica. Trata-se do necessário movimento de transpor-se para os quadros culturais daquela época, buscando nos textos escolhidos a consolidação de um determinado sentido.

Trabalhamos essencialmente com a paráfrase, conceito fundamental à análise do discurso. A paráfrase é a repetição de um mesmo sentido, que surge em textos diversos ou em trechos diversos de um mesmo texto. Para a análise do discurso, os sentidos a serem observados são aqueles que se impõem pela reiteração. O trabalho do analista é buscar esse movimento de reiteração em meio a um contexto de dispersão, pois é esse movimento que confere força à instituição dos sentidos. O trabalho metodológico é, portanto,

um gesto de interpretação do discurso ali materialmente disposto. Essa interpretação, obra do analista, deve se dar a partir de uma questão de pesquisa. No nosso caso, o interesse é compreender como Machado de Assis, um cronista de sua época configurando um texto jornalístico segundo os padrões de sua época, cria sentidos sobre um ser social que identifica naquele momento: o parasita social.

Para isso, trabalhamos com a localização de sequências discursivas (SD) referentes a esta questão específica, ou seja, trechos dos textos tomados como corpus e que trazem marcas dos sentidos sobre o parasita social. Escolhemos quatro crônicas, que identificamos como Texto 1 (T1) a Texto 4 (T4), e no conjunto destes textos identificamos 28 sequências discursivas sobre a questão de pesquisa. Essas SDs foram também numeradas. O relato a seguir está organizado pelos quatro sentidos principais sobre o parasita social que localizamos no corpus, e os trechos são ilustrativos.

4.3 Tipos de Parasitas Sociais

A partir de quatro crônicas escritas por Machado de Assis no jornal *O Espelho*, durante o ano de 1859, será possível analisar os tipos de parasitas da sociedade por ele definidos e ironizados. As crônicas escolhidas foram “O Parasita”, de 18 de setembro (Texto 1); “O Parasita – Continuação”, de 9 de outubro (Texto 2); “O Empregado Público Aposentado”, de 16 de outubro (Texto 3); e “O Folhetaísta”, de 30 de outubro (Texto 4).

4.3.1 Parasita da Mesa

Já iniciando sua explicação com a história de Horácio⁶⁸, Machado de Assis mostra que as refeições na casa de pessoas influentes poderiam ser

⁶⁸ O poeta lírico romano Horácio (65 a.C.) foi apresentado a Caio Mecenas, ministro do imperador romano Augusto, e passou a freqüentar o palácio deste. Assim, conseguiu sua ascensão social.

pagas com poesia. O parasita da mesa seria, então, alguém que faz companhia ao dono da casa em troca de um bom prato de comida.

As sequências discursivas a seguir dão uma ideia de como funcionaria a mente desse tipo tão comum naquela sociedade:

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. **Ele vive por toda parte** em que há **ambiente de porco assado** [T1, SD2].

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animais. **Olfato delicado** adivinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar suscetível – sabe absorver com todas as regras de arte – e **não educa o seu estômago como qualquer aldeão** [T1, SD3].

É uma índole miserável a desse corpo leviano em que só há animalidade e estômago; mas, entretanto é necessário aceitar essas criaturas tais como são – para aceitarmos a sociedade tal como ela é. **A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra?** Eterno antagonismo das condições humanas [T1, SD6].

É uma retribuição razoável – **dar de comer ao espírito de quem lhe dá de comer ao corpo** (T1, SD7).

Machado de Assis revela os subtipos desse tipo parasitário. Os que entram em uma casa por costume são aqueles que fazem da hora da refeição a hora da visita e já tornam essa inconveniência um hábito tanto para si quanto para o anfitrião. Sua função na casa alheia é comentar as notícias do dia e falar sobre o assunto preferido do dono da casa.

Vê-se, desse modo, que o tipo em questão faz parte do nicho da sociedade a qual pertencia o autor. Não se trata aqui de qualquer cidadão do Rio de Janeiro, mas de membros minimamente inteligentes e bem-sucedidos. Discutir política, economia e cultura era a realidade das camadas mais altas; e era exatamente nessa camada que Machado reconhecia essas figuras e era para as mesmas que as descrevia.

Sendo assim, é importante dizer que era uma atitude absolutamente normal naquele tempo. Para dizer mais, os senhores⁶⁹ gostavam de receber tais visitas. O almoço não era problema, pois todas as casas da classe média-alta contavam com escravos. Como ele mesmo diz, citado por J. Faria (2009, p. 43), “um criado que vem dar o sinal de combate”.

Em Memorial de Aires, o Conselheiro Aires recebe a visita do jovem Tristão, do mesmo modo que ele próprio muitas vezes chega perto do horário das refeições na casa de Aguiar e Dona Carmo. Assim como os referidos personagens que criou, o próprio Machado de Assis também mantinha esse hábito com seus amigos íntimos. Como “desculpa” para tais visitas, caso fosse necessário dá-la, poderia se usar a da seqüência discursiva que segue:

Se às vezes não há um pretexto sério, não trepida ainda o parasita; há sempre um de lado, como substitutivo: **saber da saúde do amigo** [T1, SD4].

Entre os subtipos, há ainda os que entram em casa por acidente. São aqueles que usam um pretexto para a chegada – e, caso não haja alguma, pode-se fazer uso do interesse pela saúde do amigo –, sabendo algum assunto de preferência do anfitrião. Nem que seja por educação, o dono da casa continuará o tema. É bom falar sobre o que se gosta, mesmo que com alguém que não foi convidado para a conversação.

4.3.2 Parasita da Literatura

Começando, aos 20 anos, sua brilhante caminhada na vida intelectual, Machado de Assis já então opinava sobre aqueles que o circundavam. Não gostava dos que se achavam superiores, dos que se aproveitavam do fato de serem e dos que pretendiam a todo custo ser. Falava dos parasitas literários como manifesto, já que dependia de alguns deles para continuar trabalhando.

⁶⁹ Senhores, no masculino, pois mulheres sozinhas não recebiam, nessa época, visitas desacompanhadas de homens sozinhos.

Mas desabafou e os definiu sem muita piedade, como se vê nas seguintes sequências discursivas:

A imprensa é a mesa do parasita literário; senta-se a ela com toda a **sem-cerimônia**; come e distribui pratos com o sangue frio mais alemão deste mundo – **diante da paciência pública** – que vacila sobre os seus eixos [T2, SD8].

Entre nós o parasita literário é uma individualidade que se encontra a cada canto. É fácil verifica-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais saliente? Uma fila de parasitas que **deitam sobre aquela mesa intelectual**, um chuveiro de prosa ou verso, sem dizer – água vai! [T2, SD9]

O jornal O Espelho, onde publicou essas crônicas, é apenas o quarto periódico no qual Machado trabalhou, mas ele já conseguia entender o que ocorre até hoje nos meios de comunicação. Mesmo os sem talento, mesmo os que não se importam com a intelectualidade e com o senso comum, têm seu espaço nos jornais e, "se desdenha o jornal, tem ainda o livro" (MACHADO DE ASSIS apud FARIA, J., 2009, p. 46).

O autor – que, mais tarde, iria ser o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras – era obrigado a trabalhar e tolerar pessoas que estavam longe de sua concepção de inteligência e interesse social. E, assim como o público leitor, ele era obrigado a ter paciência. Como temos de ter até hoje, quando favores políticos e econômicos podem contar mais que preparo e talento.

Um subtipo do parasita literário é o que frequenta os teatros. Sua crítica é aos autores fracos, que seguem as seguintes sequências discursivas:

Ora, o que admira no meio de tudo isso, é que sendo o parasita literário **o vampiro da paciência humana**, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo? Adeptos, simpatias, aplausos! [T2, SD10]

Os traços fisiológicos do parasita são especiais e característicos. **Não podendo imitar os grandes homens pelo talento**, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias [T2, SD11].

Como era comum à classe da sociedade a que pertencia nosso autor e seus leitores freqüentar teatros, o assunto era motivo de atenção. Machado era um apaixonado pelo teatro e suas atrizes⁷⁰. Mais tarde, tentaria escrever suas primeiras peças, sem muito sucesso. Achava-se, por isso, apto a fazer críticas acerca dos péssimos textos que por vezes encontrava no caminho. Já que o motivo da ida ao teatro para muitos era apenas o divertimento ou dever social, aplausos se deviam mais ao costume do que ao reconhecimento da qualidade da peça apresentada.

Machado faz, ainda nas letras, o retrato do parasita dos livros, o folhetinista. Nas sequências discursivas que seguem temos as opiniões dele sobre o grupo de pessoas do qual ele faria parte⁷¹:

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente **na organização do novo animal** [T4, SD25].

Efeito estranho é este assim produzido pela afinidade assinalada entre o **jornalista e o folhetinista**. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. **Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo**; é capital próprio [T4, SD26].

Assim aquinhoado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. **Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e as *bas-bleus*⁷² para aplaudi-lo** [T4, SD27].

Entretanto como todas as dificuldades se aplanam, **ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana**. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse **suicídio de originalidade e iniciativa** [T4, SD28].

⁷⁰ Machado viveu um romance com a atriz de teatro Gabriela Augusta da Cunha.

⁷¹ Seu primeiro romance, Ressurreição, de 1872, saiu em folhetins. Em 1874, já publicava A Mão e a Luva.

⁷² Mulheres com interesses literários e intelectuais.

Sobre o fútil, ele mesmo escreveria. Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena, Iaiá Garcia... Seus primeiros romances são escritos a quem quer lê-los, às mulheres. Tanto era sua intenção agradá-las, que Machado constantemente falava com as leitoras.

Crede-me, amigo meu, e tu, não menos amiga minha, crede-me que eu preferia contar as rendas do roupão da moça, os cabelos apanhados atrás, os fios do tapete, as tábuas do teto e por fim os estalinhos da lamparina que vai morrendo... Seria enfadonho, mas entendia-se. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 209)

Neste trecho, se percebe não só a intimidade que ele constrói com seus leitores, como o fato de querer distanciar-se de todo do fútil – as histórias de amor –, afirmando que não vai perder o seu tempo narrativo com detalhes como a roupa de sua personagem. De fato, Machado de Assis é famoso por suas análises psicológicas. Por vezes, nós leitores não sabemos a cor do cabelo de um personagem, mas conhecemos a profundidade de sua alma.

Como sempre foi folhetinista, escritor e jornalista, Machado conseguiu brincar bem com o útil e o fútil. Não se nota, no entanto, em sua biografia, uma preferência pelo jornalismo; pelo contrário. Na seqüência discursiva da crônica O Empregado Público Aposentado, ele demonstra que o folhetim era preferência de apenas parte do público leitor dos jornais:

O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que é ele capaz. **Devora-o todo**, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque **o folhetim é frutinha do nosso tempo** [T3, SD21].

Quanto ao que se refere à “feição americana”, ele é um alvo de sua própria crítica. Tradutor, leitor e admirador assumido dos principais autores internacionais, citou-os inúmeras vezes em seus textos. Seus livros traziam outras inúmeras vezes frases em diferentes línguas, sendo a mais comum o francês. Segundo afirma Brandão (1958, p. 122), “Machado de Assis inspirou-

se em Swift⁷³ e Sterne⁷⁴, Montaigne⁷⁵ e Renan⁷⁶. Bebeu ‘ensinamentos’ na Bíblia, em Pascal⁷⁷ e Schopenhauer⁷⁸”.

Nesta crônica em especial Machado se mostra parte do público descrito. Ele mesmo revela essa ligação quando diz

[...] nem todos os dias são tecidos de ouro para os folhetinistas. Há-os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? O dia de escrever! Não parece? Pois é verdade puríssima. Passam-se séculos nas horas que o folhetinista gasta à mesa a construir sua obra. (MACHADO DE ASSIS apud FARIA, J., 2009, p. 56)

Os trechos como “há-os negros”, “verdade puríssima” e “passam-se séculos” revelam o conhecimento que ele tem dessa rotina. Apesar de ainda não ser um folhetinista, Machado a esta altura já é cronista e possui, por isso, as mesmas dificuldades na hora de achar ideias para escrever com certa frequência.

4.3.3 Parasita da Igreja

A religião nunca foi o alicerce da vida de Machado de Assis. Pelo contrário. Nem nos instantes finais de sua vida, quando padecia junto aos seus amigos, aceitou a religião como força e fé. Sabia que ia morrer e queria, para encontrar-se com sua amada Carolina. A Igreja não fez parte de sua vida, e muito pouco da de seus personagens. Em seu “O Niilista Machado de Assis”, Brandão (1958, p.13) define essa característica da personalidade do autor:

Machado de Assis, então jovem, foi anti-clerical. Criticou o jornal reacionário e obscurantista “A Cruz”. Pronunciou-se contra o espírito retrógrado do Vaticano, o parasitismo clerical

⁷³ Jonathan Swift foi um escritor irlandês nascido em 1667.

⁷⁴ Laurence Sterne, nascido na Irlanda em 1713, ficou famoso pela obra A Vida e as Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy.

⁷⁵ Michel de Montaigne foi um ensaísta e escritor francês do século XVI.

⁷⁶ Joseph Ernest Renan, nascido na França em 1823, foi um escritor, filósofo, filólogo e historiador.

⁷⁷ O francês Blaise Pascal foi um físico, matemático, filósofo moralista e teólogo do século XVII.

⁷⁸ Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, foi uma das influências de Friedrich Nietzsche.

e as riquezas das ordens religiosas. Não acreditou no sobrenatural. Nada esperou do além-túmulo. Não quis ser um místico, embora, às vezes, fizesse certas concessões. Não se prestou a ser monstruosamente deformado pela clericalha, como toda uma série de escritores do passado e do presente: Rui Barbosa e Joaquim Nabuco.

E Brandão (1958, p. 17) continua:

Na hora da morte, teve um gesto de firmeza e nobreza: recusou confessar-se, receber a extrema unção, 'converter-se' ao catolicismo, servir de pasto às hienas que sempre andam atrás de cadáveres. Afirmou: - Não creio. Seria uma hipocrisia.

Sua distância e frieza com a religião advinham de certas opiniões que alimentava acerca de alguns hábitos que a Igreja Católica mantinha com seus fiéis, como se vê nessas sequências discursivas:

O parasita da Igreja, toda a Idade Média o viu, transformado em papa **vendeu as absolvições**, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. **Mediante o ouro** aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam; depois, levantou a abstinência alimentar, **quando o crente lhe dava em troca uma bolsa** [T2, SD13].

A dignidade sacerdotal é uma capa magnífica para a estupidez que toma **o altar como um canal de absorver ouro e regalias** [T2, SD14].

Em dois importantes contos escritos por Machado, Cantiga de Esponsais (1876) e Missa do Galo (1893), mostra-se um pouco da indiferença do autor para com os assuntos religiosos. No primeiro, o regente da orquestra que toca nas missas da Igreja do Carmo é enfocado como um homem triste por não ter conseguido realizar seu sonho de ser compositor. A Igreja é, aí, apenas um cenário. No segundo, a noite da Missa do Galo é apenas o pano de fundo de uma história de adultério.

Na crônica em questão, Machado é excessivamente contra a Igreja Católica, mas, mesmo que a aversão diminua de intensidade com a idade, ele continua sendo contrário a seus preceitos até o dia de sua morte. A Igreja, que “dominou moralmente as massas, os espíritos fracos, as consciências virgens”

(MACHADO DE ASSIS apud FARIA, J. 2009, p. 48), não conseguiu fazê-lo ser mais uma ovelha do rebanho.

Entretanto, é importante notar que a aversão de Machado de Assis resumia-se basicamente à Igreja, não à Bíblia e seus ensinamentos universais. Tanto é assim que é comum ver em suas obras citações bíblicas, como se nota nas sequências discursivas abaixo:

Mas, entra ele; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a retórica que pode inspirar um estômago vazio, um **Jeremias**⁷⁹ interno [T1, SD5].

É que têm o evangelho diante dos olhos... **Bem-aventurados os pobres de espírito** [T2, SD12].

4.3.4 Parasita da Política

Assim como os folhetins ainda não faziam parte de sua vida aos 20 anos, também a política era só um acontecimento do futuro. Sua visão sobre a política, no entanto, pouco se alterou. Apesar de vivê-la e lidar com ela diariamente, manteve uma forte crítica aos que abusavam do poder. Um pouco dessa visão fica clara nas seguintes sequências discursivas:

Em política, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma **opinião ao grado das circunstâncias**, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. **Entra no parlamento com a frente levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escândalo** [T2, SD15].

Em economia política é um **elemento para estacionar o enriquecimento social**; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas [T2, SD16].

⁷⁹ Provável alusão ao profeta do Antigo Testamento, autor do Livro das Lamentações.

Muitos de seus amigos poderiam ser alvos de sua crítica seguindo nessa lógica. Ele mesmo poderia. O ideal liberal e o ideal conservador atraíram diversos intelectuais para lutar pelas suas causas. Machado de Assis, por ter amigos liberais (como Saldanha Marinho⁸⁰ e Quintino Bocaiúva⁸¹), viu as vantagens do poder nas mãos de seus conhecidos, que lhe deram facilidades ao acesso de pessoas influentes, que, por sua vez, o ajudaram a conseguir sua carreira de empregado público.

Ao empregado público, Machado de Assis dedicou tempo especial nestas crônicas. Mais precisamente ao aposentado. A política vista pela ótica desse subtipo parasitário é demonstrada nas sequências discursivas que seguem:

Espelho à *rebours*⁸², **só reflete o passado**, e por ele chora como uma criança. É a elegia viva do que foi, salgueiro do carrancismo⁸³, **carpideira dos velhos sistemas. Reforma é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado**. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! Abolir o método! Desmoronar a ordem! [T3, SD17]

Atado assim ao poste do carrancismo, eterno lábaro do que é moderno, o empregado público aposentado é um dos mais curiosos tipos da sociedade. Representa o lado cômico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização nos povos [T3, SD18].

Conceber um aposentado sem **caixa de rapé** é conceber o sol sem luz, o oceano sem água [T3, SD19].

O governo, não importa a sua cor política, é sempre o bode expiatório das doutrinas retrógradas do empregado público aposentado. **Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime** para esse **viúvo da secretaria**, arqueólogo dos costumes, antiga vítima do ponto, que não compreende que haja nada além das **raias de uma existência oficial** [T3, SD20].

⁸⁰ O jornalista e político Joaquim Saldanha Marinho foi signatário do Manifesto Republicano de 1870 e um dos autores do anteprojeto da Constituição de 1891, já na República.

⁸¹ O jornalista e político Quintino Antônio Bocaiúva, defensor da República, foi o primeiro ministro das Relações Exteriores do período.

⁸² Ao contrário.

⁸³ Carrancismo é se apegar demais ao passado.

No parlamento, é um espectador sério e atencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata colossal ouve com toda a atenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como **profundo investigador das coisas políticas** [T3, SD22].

De ordinário o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguém recheia as pastas de mais memoriais e pedidos. **Emprega os parentes e os camaradas**, quando os emprega, depois de uma longa enfiada de rogativas importunas [T3, SD23].

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado? **Ele vai por toda a parte onde se é lícito rir e discutir, sem ofensa pública** [T3, SD24].

As marcas discursivas deixam claro a essência retrógrada desse parasita. O próprio rapé, segundo Luis Augusto Fischer (2008, p. 38), era hábito dos velhos e dos moradores da zona rural. Quem insistia em fumar rapé⁸⁴ em pleno século XIX era visto como antiquado, uma vez que o charuto era o substituto natural.

Ser empregado público, na época, era uma das opções de bons empregos que se podia ter. No romance Esaú e Jacó, Machado de Assis relata o momento da decisão da carreira dos filhos com o exemplo de Santos e Natividade, que prezam pelo futuro promissor dos gêmeos Pedro e Paulo:

Pedro seria médico, Paulo advogado; tal foi a primeira escolha das profissões. Mas logo depois trocaram de carreira. Também pensaram em dar um deles à engenharia. A marinha sorria à mãe, pela distinção particular da escola. Tinha só o inconveniente da primeira viagem remota; mas Natividade pensou em meter empenhos com o ministro. Santos falava em fazer um deles banqueiro, ou ambos. Assim passavam as horas vadias. Íntimos da casa entravam nos cálculos. Houve quem os fizesse ministros, desembargadores, bispos, cardeais... (p.71)

O próprio Machado de Assis acabou recorrendo ao funcionalismo público. Seu talento com as letras não poderia ficar de lado, mas os baixos salários não pagavam as contas de sua vida de casado. Para conseguir viver ao lado de Carolina, o escritor teve de se desdobrar para manter a paixão pelos

⁸⁴ Fumo em pó, famoso no século XVIII, que era carregado em caixinhas e inalado em porções.

livros e pelo jornal, ao lado das atividades mais bem remuneradas dos ministérios e secretárias de Estado – que se tornariam também uma paixão.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo recortar um dos tipos sociais caracterizados por Machado de Assis em diferentes crônicas, o parasita social – aqui dividido em parasita da mesa, da política, da literatura e da Igreja. O retrato desses tipos sociais foi feito pelo autor de modo crítico, revelando, muitas vezes, hábitos comuns da época em que estes personagens estavam inseridos.

Exemplo disso é o empregado público, profissão corriqueira no período analisado no Brasil. Freqüentar a Igreja e aceitar suas imposições era também uma norma social, já que as missas e procissões eram praticamente eventos culturais da cidade.

O interessante nesta análise é o entendimento de que o próprio autor se transformará no parasita social que descreve, demonstrando serem naturais – e próprias de um contexto histórico – as atitudes que define como parasitárias. Machado de Assis se torna funcionário público em 1873, quando assume como 1º Oficial da Secretaria da Agricultura, permanecendo na profissão por 35 anos, até o final de sua vida. Ele teve tanto apego às pastas do Governo, que adoeceu quando foi adido, devido à idade avançada e ao estado de saúde debilitado.

Machado de Assis de certa forma também se transformou em um “parasita literário” quando começou a publicar seus folhetins. Importantes obras suas foram publicadas primeiramente em periódicos. Em 1874, por exemplo, em O Globo, saía o romance A Mão e a Luva; em 1878, Iaiá Garcia era publicado em O Cruzeiro. O que Machado não fez foi se tornar um carrasco dos jornais ou dos livros, já que, mesmo quando teve de assumir o Diário do

Rio, em 1865⁸⁵, não fechou os espaços para os outros talentos que disputavam lugar no Rio de Janeiro.

Mesmo se esquecesse que era ele também um parasita, colocou essas figuras no papel, emprestando suas características aos personagens que inventava. Octavio Brandão (1958, p. 32) sentenciou:

Os tipos fabricados por Machado de Assis, em geral, não trabalhavam. Não tinham ofício de espécie alguma. [...] Eram parasitas inveterados. Metiam-se dentro do mesmo círculo vicioso. Solitários e parasitários como as tênias.

Nas crônicas analisadas, Machado de Assis faz uma crítica severa e arguta sobre a sociedade de seu tempo. Tinha então 20 anos, e na moldura de sua juventude acreditava ser capaz de evitar o inevitável – ser, de qualquer modo, fruto das possibilidades e das regras de sua época. Caracterizou, assim, um dos tipos sociais que mais lhe perturbava, o parasita social. Ao longo de sua carreira literária, Machado passou a compreender a sociedade de forma mais complexa, ainda que tenha mantido a verve cáustica que já se mostrava nestas crônicas iniciais. A intenção desta monografia foi observar parte da obra jornalística deste autor, no início de sua trajetória, e lançar um olhar mais acurado sobre a caracterização deste tipo social.

⁸⁵ Os liberais conseguiram formar um novo governo e seus líderes políticos assumiram postos no país – dentre eles, estavam os jornalistas Saldanha Marinho, Henrique César Múzzio e Quintino Bocaiúva.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRANDÃO, Octavio. **O niilista Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1958.

BROCA, Brito. **Machado de Assis e a Política**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1957.

CASTELLO, José Aderaldo. **Realidade e ilusão em Machado de Assis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. **Machado de Assis**. São Paulo: Editora Três, 2001. Coleção A Vida dos Grandes Brasileiros.

FARIA, João Roberto. **O Espelho**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

FARIA, Maria Tereza. Machado de Assis: do Morro à Academia. In: MACHADO DE ASSIS. **O Alienista**. Rio de Janeiro: L&PM, 2007.

FISCHER, Luís Augusto. Cronologia: Vida e Obra de Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS. **Memorial de Aires**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

FISCHER, Luís Augusto. Panorama do Rio de Janeiro: Alguns Elementos para Compreender o Mundo de Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS. **Memorial de Aires**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

FISCHER, Luis Augusto. Pequena Biografia de Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS. **Memorial de Aires**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GUIMARÃES NETO, Ernane. Codinome Machado de Assis. **Folha de São Paulo**, 14 março 2010.

LIMA, André; SILVA, Marcos Ribeiro da. Joaquim Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS. **Contos Escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MACHADO DE ASSIS. **Memorial de Aires**. Rio de Janeiro: L&PM, 2009.

MACHADO DE ASSIS. **Esaú e Jacó**. Rio de Janeiro: L&PM, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Machado de Assis – Vida e Obra: Aprendizado**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MASSA, Jean-Michel. **A Juventude de Machado de Assis**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

MELO, José Marques (org.). **Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOISÉS, Massaud. A Vida de Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS. **Ressurreição e A Mão e a Luva**. São Paulo: Cultrix, 1960.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Érica. Globo em Crise. **Observatório da Imprensa**, 04 dez. 2002.

Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/artigos/asp111220027.htm>>.

Acesso em: 09 mai. 2010.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

SAMPAIO, Luiz Augusto. **Os amores de Machado de Assis**. Disponível em:

<<http://site.dm.com.br/noticias/opiniao/os-amores-de-machado-de-assis>>.

Acessado em 6 de abril de 2010.

SANDRONI, Cícero. **180 anos de Jornal do Commercio (1827 – 2007)**. Rio de Janeiro: Quorum Editora, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TÁTI, Miécio. **O Mundo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e a literatura**. Universidade da Beira Interior. Covilhã: BOCC, 2009. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>.

Acessado em 15 de abril de 2010.

VITORIO, Benalva. 200 Anos de Imprensa no Brasil e o Futuro do Jornal Impresso. **Revista Leopoldianum**. V. 94, ano 34. Santos: Editora Universitária da Universidade Católica de Santos, 2008.

ANEXO A**O PARASITA**

18 de setembro de 1859

Sabem de uma certa erva que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas árvores? É a parasita.

Ora, a sociedade que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena, da parasita. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.

É uma longa e curiosa família a dos parasitas sociais; e fora difícil assinalar na estreita esfera das aquarelas uma relação sinótica das diferentes variedades do tipo. Antes sobre a torre, agarro apenas na passagem as mais salientes e não vou mergulhar-me no fundo e em todos os recantos do oceano social.

Há, como disse, diferentes espécies de parasitas.

O mais vulgar e o mais conhecido é o da mesa; mas há-os também em literatura, em política, e na igreja. É praga antiga, e raça cuja origem se prende à noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*. Da Índia, essa avó das nações, como diz um escritor moderno, são poucas as noções a respeito; e não posso marcar aqui com precisão o desenvolvimento dessa casta curiosa no velho país. Em Roma, onde lemos como num livro, já Horácio, comia as sopas de Mecenas, e banqueteara alegremente no *triclinium*. É verdade que lhe pagava em longa poesia, mas, nesse tempo, como ainda hoje, a poesia não era ouro em pó, e este é a grande estrofe de todos os tempos.

Mas, tréguas à história.

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as formas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo – sem mais preâmbulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Há talvez pouco a dizer – mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta fisionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. Ele vive por toda parte em que há ambiente de porco assado.

Também é aí onde ele desenvolve melhor todas as suas faculdades; - onde se sente a *son aise*, como diria qualquer babel encadernada em paletó de inverno.

Perfeito parasita deve ser perfeito gastrônomo; mesmo quando não goze essa faculdade por vocação de berço, é um resultado da prática, pela razão de que o uso do cachimbo faz a boca torta.

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animais. Olfato delicado adivinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar suscetível – sabe absorver com todas as regras de arte – e não educa o seu estômago como qualquer aldeão. E como não ser assim, se ele não tem outro cuidado nesta vida? E se os limites da mesa redonda são os horizontes das suas aspirações?

É curioso vê-lo na mesa, mas não menos curioso é vê-lo nas horas que precedem às sessões gastronômicas. Entra em uma casa ou por costume ou *per accidens*, o que aqui quer dizer intenção formada com todas as circunstâncias agravantes da premeditação, e superioridade de armas. Mas suponhamos que vai a uma casa por costume.

Ei-lo que entra, riso nos lábios, chapéu na mão, o vácuo no estômago. O dono da casa e quem já fatiga aquela visita diária saúda-o constrangido e com um riso amarelo. Mas isso não é decepção; tão pouco não desarma um bravo daquela ordem. Senta-se e começa a relatar notícias do dia, entremeadas de

algumas de própria lavra, e curiosas – a atrair a afeição vacilante do hóspede. Daqui um criado que vem dar o sinal de combate. É o alvo a que visava o alarve, e ei-lo que vai imediatamente pagar-se de uma tarefa de almanaque, tão custosamente exercida.

Se porém ele entra *per accidens* – não é menos curiosa a cena. Começa por um pretexto que deve lisonjear as pessoas da casa conforme os seus fracos. Assim, se há aí um ator dramático o pretexto é dar um parabém sobre a última peça representada dias antes. Sobre este molde, tudo o mais.

Se às vezes não há um pretexto sério, não trepida ainda o parasita; há sempre um de lado, como substitutivo: saber da saúde do amigo.

Mas, entra ele; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a retórica que pode inspirar um estômago vazio, um Jeremias interno. Segue-se depois, pouco mais ou menos, a mesma cena. No fim está sempre como orla de horizonte uma mesa mais ou menos apetitosa, onde a reação se opera largamente.

Há, porém, pequenas desgraças, acidentes inesperados na vida do parasita da mesa.

Entra ele em uma casa onde espera almoçar folgado; - faz as primeiras saudações e vai corar a pílula ao seu caro hóspede. Um certo ranger de dentes, porém, começa a agitá-lo, um ranger particular que indica um estado mais calmo aos estômagos da casa.

- Então como vai? Sinto que chegasse agora, se mais cedo viesse almoçava comigo.

O parasita fica de cara à banda, mas não há remédio; é necessário sair com decência e não dar a entender – o fim que o levou ali.

Estas eventualidades, estas pequenas misérias, longe de serem decepções, são como o cheiro de pólvora inimiga para os soldados, um incentivo na ação. É uma índole miserável a desse corpo leviano em que só há animalidade e estômago; mas, entretanto é necessário aceitar essas criaturas tais como são – para aceitarmos a sociedade tal como ela é. A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra? Eterno antagonismo das condições humanas.

O parasita da mesa, uniformiza o exterior com a importância do hóspede; um cargo elevado pede uma luva de pelica, e um botim de polimento. À mesa não há ninguém mais atencioso;- como um conviva alegre, aduba os guisados com punhados de sal mais ou menos saboroso.

É uma retribuição razoável – dar de comer ao espírito de quem lhe dá comer ao corpo.

Aqui não há desaire, há uma troca recíproca que prova que o paraíso tem suscetibilidades de alto grau.

Estes traços, mais ou menos exatos, mais ou menos distintos, dão aqui uma pequena idéia do parasita da mesa; mas esta variedade do tipo é absorvida por outras de uma importância mais alta. Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência; - aqui são os epicuristas à custa alheia, ou outros são as nulidades intelectuais que se agarram à primeira tela de propriedades suculentas que lhe vai ao encontro.

São imperceptíveis talvez estes lineamentos – e acusam a aceleração do pincel; passemos às outras variedades do tipo onde achamos formas mais amplas e proeminências mais distintas.

ANEXO B**O PARASITA - Continuação**

9 de outubro de 1859

O parasita literário tem os mesmos traços psicológicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro literário. A única diferença está nos fins, de que se afastam léguas; aquele é porventura mais casto, e não tem mira no resultado pecuniário – que parece inspirar o fanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita literário; senta-se a ela com toda a sem-cerimônia; come e distribui pratos com o sangue frio mais alemão deste mundo – diante da paciência pública – que vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da literatura*. *Vieirinha*, lembro ao leitor, é aquela personagem que todos têm visto em um drama nosso.

De feito, este parasita é um *Vieirinha*, sem tirar nem pôr; cortesão das letras cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder toca-las. Só não sobe ao monte sagrado, porque é uma excursão difícil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais sérias. Ali, ficam eles nas fraldas, soltando uma orquestra de gemidos, até que o velho cavalo os vem despedir com uma amabilidade de pata sofrivelmente acerba.

Um coice é sempre uma resposta às suas súplicas... Represália no caso.

Eterna lei das compensações!

Entre nós o parasita literário é uma individualidade que se encontra a cada canto. É fácil verifica-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais

saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquela mesa intelectual, um chuveiro de prosa ou verso, sem dizer – água vai!

Verificai-o!

O jornal aqui não é propriedade, nem da redação nem do público, mas do parasita. Tem também o livro, mas o jornal é mais largo, e mais fácil de contê-los.

Às vezes o parasita associa-se e cria um jornal próprio.

Aqui é que não há escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! É o rei Sancho na sua ilha!

Ele pode parodiar o dito histórico: *l'état c'est moi!* Porque as quatro ou seis páginas, na verdade, são dele, todas dele. Ele pode gritar ali, ninguém lho impedirá, ninguém; uma vez que não ofenda a moral pública. A polícia para onde começa o intelectual e o senso comum: não são crimes no código as ofensas a esses dois elementos da sociedade constituída.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita literário invade, como o Huno moderno, a Roma da intelectualidade, com a decência moral nos lábios, mas sem a decência intelectual.

Tem pois o jornal, próprio ou não próprio, onde pode sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. Se desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro!

Tem ainda o livro, sim. Meia dúzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos têm direito a esta operação simples, e o parasita por conseguinte.

Abrir esse livro e compulsá-lo, é que é heroico e digno de pasmo. – O que há por aí, santo Deus! Se é um volume de versos – temos nada menos que uma coleção de *pensamentos* e de notas arranhadas laboriosamente em harpas selvagens como um tamoio. Se é prosa – temos um amontoado de frases descabeladas que se prendem entre si, segundo a opinião do autor. É muitas vezes um drama, um romance misterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quisesse ferir individualidades, tocas em suscetibilidades, desenrolaria aqui um sudário dessas invasões na literatura; mas o meu fim é o indivíduo, e não um indivíduo.

O parasita literário vai ainda aos teatros. Esta invenção de recitar nos teatros, tirada da antiguidade grega, que levantava um bardo em um festim, como nos mostra a *Odisséia*, abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade que é ainda a polícia, não indaga do mérito da obra, e quer apenas saber se há alguma coisa que fira a moral. Se não, pode invadir a paciência pública.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita literário. As salas dos nossos teatros têm repercutido imensas vezes com esses arranhamentos de lira. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição; a plateia deve receber aquele aguaceiro intelectual.

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isso, é que sendo o parasita literário o vampiro da paciência humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo? adeptos, simpatias, aplausos!

Há quem lhes faça crer que alguma coisa lhes ruma pela cabeça como a André Chénier; eles, a quem já não faltava vontade de crer, aceitam como princípio evidente, essa solução do impossível, que a parvoíce lhe dá de boa vontade.

Que gente!

Os traços fisiológicos do parasita são especiais e característicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias. Assumem um certo ar pedantesco, tomam um timbre dogmático nas palavras; e ao contrário do fanqueiro que tem a espinha dorsal mole e flexível – ele não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas por compensação, há a modéstia nas palavras ou certo abatimento, que faz lembrar esse *ninguém elogiado* da comédia. Mas ainda assim vem a afetação; o parasita é o primeiro que está cômico de que é alguma coisa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazerem alguma coisa para a sociedade, honrar a massa nacional, contendo-se na sua esfera própria; mas nada, saem uma noite da sua nulidade e vão por aí matando a ferro frio...

Bem-aventurados os pobres de espírito.

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na Igreja, na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte.

Na Igreja, sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incaustos, e das turbas. Transforma o altar em balcão e a âmbula em balança. Regala-se à custa de crenças e superstições, de dogmas e preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A história é uma larga tela dessas torpezas cometidas à sombra do culto.

O parasita da Igreja, toda a Idade Média o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. Mediante o ouro aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam; depois, levantou a abstinência alimentar, quando o crente lhe dava em troca uma bolsa.

É um desmoroamento social. O parasita teve uma famosa ideia em embrenhar-se pela Igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnífica para a estupidez que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim colocado no centro da sociedade, desmoraliza a Igreja, polui a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das famílias, sem haver sacudido o pó das torpezas que lhe nodoa as sandálias. Dominou moralmente as massas, os espíritos fracos, as consciências virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer; a fogueira de J. Huss, não queimou só o grande apóstolo, devorou também o vestíbulo desse edifício de misérias levantado por uma turba de parasitas, parasitas da fé, da moralidade e do futuro.

A nós o derrocar a cúpula.

Em política, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma opinião ao grado das circunstâncias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a fronte levantada, - toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as maiorias. Não pensa mal! quem a boa árvore se encosta...

Alguns sobem assim; e todos os povos têm sentido mais ou menos o peso do domínio desses boêmios de ontem.

Deixa-los subir às mesas supremas do festim público. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais fácil o ingresso ao parasita. Encarta-se aí em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Paris ou em Viena. Lá representam tristemente a pátria que os viu nascer, na massa coletiva da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas como corifeu da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fastigar, fazer uma enumeração mais longa das famílias de parasitas que irradiam destas espécies cardeais. Seria, entretanto, uma longa história que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarelas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quase.

Em economia política é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república de abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias mas um trabalhos de séculos. Os meios não os darei eu aqui. Reproduzo, não moralizo.

M-as

ANEXO C**O EMPREGADO PÚBLICO APOSENTADO**

16 de outubro de 1859

Os egípcios inventaram a múmia para conservarem o cadáver através dos séculos. Assim a matéria não desapareceria na morte; triunfava dela, do que temos alguns exemplos ainda.

Mas não existiu só lá esse fato. O empregado público não se aniquila de todo na aposentadoria; vai além, sob uma forma curiosa, antediluviana, indefinível; o que chamamos empregado público aposentado.

Espelho *à rebours*, só reflete o passado, e por ele chora como uma criança. É a elegia viva do que foi, salgueiro do carrancismo, carpideira dos velhos sistemas. Reforma é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! Abolir o método! Desmoronar a ordem!

Atado assim ao poste do carrancismo, eterno lábaro do que é moderno, o empregado público aposentado é um dos mais curiosos tipos da sociedade. Representa o lado cômico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização nos povos.

É o tipo que hoje trago à minha tela. São vaiáveis o caráter e as feições desta individualidade, mas eu procurarei dar-lhe os traços mais finos, os mais vivos.

Conceber um aposentado sem caixa de rapé é conceber o sol sem luz, o oceano sem água. Uma pertence ao outro, como a alma pertence ao corpo; são inseparáveis. E têm razão! O que vale uma caixa de rapé não o compreende qualquer profano. É o adubo oportuno de uma conversa árida e suada sobre qualquer reforma de governo. É o meio de conhecimento com um potentado de quem se espera alguma coisa. É a boceta de Pandora. É tudo, quase tudo.

E não parece. Aquele utensílio tão mesquinho, em um outro qualquer está circunscrito na estreita esfera do nariz; nas mãos do aposentado, transforma-se; em vez de se tornar o depósito de um vício, torna-se o instrumento de certos fatos políticos que muitas vezes parecem nascer de causas mais altas.

Este prestígio do empregado público aposentado não para só na boceta, estende-se por todos os acessórios daquele curioso indivíduo. Na gravata, na presilha, na bengala, há certo ar, uma nuance especial, que não está ao alcance de qualquer. Ou natureza, ou estudo, a aposentadoria traz ao empregado público esses dotes, como um presente de núpcias.

Ora apesar deste metódico das formas, não estão limitadas aí as vistas do aposentado. Há naquele cérebro alguma finura para se não entregar exclusivamente a essas ninharias. E a política? A política lá o espera; lá o espera o governo; lá o espera o teatro, as modas, os jornais, tudo o espera.

Não é maledicente, mas gosta de cortar o seu pouco sobre as coisas do país. Não é um vício, é uma virtude cívica: o patriotismo.

O governo, não importa a sua cor política, é sempre o bode expiatório das doutrinas retrógradas do empregado público aposentado. Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime para esse viúvo da secretaria, arqueólogo dos costumes, antiga vítima do ponto, que não compreende que haja nada além das raias de uma existência oficial.

Todos os progressos do país estão ainda debaixo da língua fulminante deste cometa social. Estradas de ferro! é uma loucura do modernismo! Pois não bastavam os meios clássicos de transporte que até aqui punham em comunicação localidades afastadas? Estradas de ferro!

Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das coisas – podem contar com um contra do empregado público

aposentado. Este meio mesmo de retratar à pena, como faço atualmente, revoltaria o espírito tradicional da grande múmia do passado. Uma inovação de mau gosto, dirá ele. É verdade; não representa apenas a superfície da epiderme, vai às camadas mais íntimas da matéria organizada.

O empregado público aposentado poderá deixar de comer, mas lá perder um jornal, lá perder um jubileu político ou sessão do parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que é ele capaz. Devora-o todo, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.

No parlamento, é um espectador sério e atencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata colossal ouve com toda a atenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como profundo investigador das coisas políticas.

Ao sair dali, o primeiro amigo que encontra tem de levar um aguaceiro de palavras e invectivas contra a marcha dos negócios mais interessantes do país.

De ordinário o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguém recheia as pastas de mais memoriais e pedidos. Emprega os parentes e os camaradas, quando os emprega, depois de uma longa enfiada de rogativas importunas.

É sempre assim.

No sarau o empregado público aposentado é pouco cortês para com as damas; vai procurar emoções nas alternativas de um lindo baralho de cartas. Mas para não faltar ao programa, lá vai tachando de imoral aquele divertimento que tanto dinheiro absorve; fica-lhe a consciência.

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado? Ele vai por toda a parte onde se é lícito rir e discutir, sem ofensa pública.

O leitor conhece decerto a individualidade de que lhe falo, é muito vulgar entre nós, e de qualidades tão especiais que a denunciam entre mil cabeças. Que lhe acha? Quanto a mim é inofensiva como um cordeiro. Deixem-no mirar-se no espelho dos velhos usos, falar em política, discutir os governos; não faz mal.

Em uma comédia do nosso teatro, há uma reprodução deste tipo, o Sr. Custódio do *Verso e Reverso*. Mirem-se ali, e verão que apesar do estreito círculo em que se move, faz pálidos e mirrados estes ligeiros e mal distintos lineamentos.

M-as

ANEXO D**O FOLHETINISTA**

30 de outubro de 1859

Uma das plantas europeias que dificilmente se têm aclimatado entre nós, é o folhetinista.

Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade.

Entretanto eu disse - dificilmente - o que supõe algum caso de aclimação séria. O que não estiver contido nesta exceção, vê já o leitor que nasceu enfezado e mesquinho de formas.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.

Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais. Se o tem conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas.

Mas comecemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.

Efeito estranho é este assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio.

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhoado pode dizer-se que não ha entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o publico para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a *bas-bleus* para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, por que todos têm interesse de estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação hebdomadária.

Entretanto apesar dessa atenção pública, apesar de todas as vantagens de sua posição, nem todos os dias são tecidos de ouro para os folhetinistas. Há-os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? o dia de escrever!

Não parece? pois é verdade puríssima. Passam-se séculos nas horas que o folhetinista gasta à mesa a construir a sua obra.

Não é nada, é o cálculo e o dever que vêm pedir da abstração e da liberdade - um folhetim! Ora, quando há matéria e o espírito está disposto, a coisa passa-se bem. Mas quando à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao *far niente*, então é um suplício...

Um suplício, sim.

Os olhos negros que saboreiam essas páginas coruscantes de lirismo e de imagens, mal sabem às vezes o que custa escrevê-las.

Para alguns não procede este argumento; porque para alguns há provimento de matéria, certos livros a explorar, certos colegas a empobrecer...

Esta espécie é uma aberração do verdadeiro folhetinista; exceções desmoralizadoras que nodoam as reputações legítimas.

Escritas porém as suas tiras de convenção, a primeira hora depois é consagrada ao prazer de desferrar-se de uma maçada que passou. Naquela noite é fácil encontrá-lo no primeiro teatro ou baile aparecido.

A túnica de Nesso caiu-lhe dos ombros por sete dias.

Como quase todas as coisas deste mundo, o folhetinista degenera também. Alguma das entidades que possuem essa capa, esquecem-se de que o folhetim é um confeito literário sem horizontes vastos, para fazer dele um canal de incenso às reputações firmadas, e invectivas às vocações em flor, e aspirações bem cabidas.

Constituído assim *cardeal-diabo* da cúria literária, é inútil dizer que o bom senso e a razão friamente o condenam e votam ao ostracismo moral, ausência de aplausos e de apoio.

Não é este o único abuso que se dá. É costume de outros levantarem o folhetim como a chave de todos os corações, como a foice de todas as reputações indeléveis.

E conseguem...

Na apreciação do folhetinista pelo lado local, temo talvez cair em desagrado negando a afirmativa. Confesso apenas exceções. Em geral o folhetinista aqui é todo parisiense; torce-se a um estilo estranho, e esquece-se

nas suas divagações sobre o *boulevard* e *Café Tortoni*, de que está sobre *macadam* lamacento e com uma grossa tenda lírica no meio de um deserto.

Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá; é inútil dizer que degeneraram no físico como no moral.

Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.

Entretanto como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa.

M-as